

FEV
200
PRETO

LEITURAS DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
ANÁLISE DE CONTEÚDO

Maria Filomena Rego

LEITURAS DE "COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO"
ANÁLISE DE CONTEÚDO

Maria Filomena Rêgo

LEITURAS DE "COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO"
ANÁLISE DE CONTEÚDO

Maria Filomena Rêgo

Tese submetida como requisito
parcial para a obtenção do grau
de mestre em Educação.

Rio de Janeiro

Fundação Getúlio Vargas

Instituto de Estudos Avançados em Educação

Departamento de Psicologia da Educação

1976

A memória de meus pais.

SUMÁRIO

	Pág.
PREFÁCIO	V
RESUMO	VI
MATERIAL ANALISADO	VII
1. INTRODUÇÃO	i
2. OS TEXTOS:apresentação dos conteúdos ..	20
2.1 Os personagens	22
2.2 As Normas	25
2.3 A Deformação da Realidade	26
2.4 A Apresentação dos Textos	27
3. A FAMÍLIA	31
3.1 A Estrutura Familiar	40
4. A ESCOLA	55
4.1 Os Membros da Escola e suas Relações ..	59
5. A PÁTRIA	71
5.1 A Natureza	73
5.2 O Homem	77
5.3 A História	86
5.4 O Símbolo	96
6. A RELIGIÃO	103
7. OS VALORES MORAIS	123
8. CONCLUSÃO	132
9. APÊNDICE	138
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS	144
ANEXO : RESUMÉ	148
BIBLIOGRAFIA	149

SUMÁRIO

	Pág.
PREFÁCIO	V
RESUMO	VI
MATERIAL ANALISADO	VII
1. INTRODUÇÃO	1
2. OS TEXTOS: apresentação dos conteúdos ..	20
2.1 Os Personagens	22
2.2 As Normas	25
2.3 A Deformação da Realidade	26
2.4 A Apresentação dos Textos	27
3. A FAMÍLIA	31
3.1 A Estrutura Familiar	40
4. A ESCOLA	55
4.1 Os Membros da Escola e suas Relações ..	59
5. A PÁTRIA	71
5.1 A Natureza	73
5.2 O Homem	77
5.3 A História	86
5.4 O Símbolo	96
6. A RELIGIÃO	103
7. OS VALORES MORAIS	123
8. CONCLUSÃO	132
9. APÊNDICE	138
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS	144
BIBLIOGRAFIA	148

PREFÁCIO

Como todo trabalho intelectual, este não foi fruto do esforço de uma única pessoa. Para que e le se tornasse uma realidade, contei com valiosas colaborações. Por isso, os agradecimentos são muitos e variados.

Foi orientador desta monografia o Professor Antônio Gomes Pena, mestre a quem muito agradeço.

O meu agradecimento ao Professor Luiz Felipe Baêta Neves Flores, mestre e amigo, que com suas críticas, sugestões e incentivo muito contribuiu para o enriquecimento deste trabalho.

Ao Professor Cândido Grzybowski, que ajudou no momento da escolha do tema desta monografia, a minha gratidão.

Agradeço à Professora Dilma Rohen de Queiroz pela ajuda prestada na coleta de dados junto às escolas.

A dedicação da Professora Regina Vitória Rebello de Mendonça, responsável pela parte material deste trabalho. À Professora Maria da Graça Rego, que se mostrou incansável no atendimento a todo pedido de ajuda, e a todos os amigos que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho se tornasse possível, o meu reconhecimento.

RESUMO

Procura-se, no presente trabalho, proceder a uma análise da ideologia de textos. O objeto do estudo são os conteúdos dos textos dos livros de "Comunicação e Expressão" das 3as. e 4as. séries do Ensino de 1º Grau, adotados nas escolas estaduais dos municípios de Bom Jardim, Cantagalo e Cordeiro, no Estado do Rio de Janeiro.

Considera-se a ideologia como um sistema de representações do mundo e do papel do homem dentro dele, e a linguagem instrumento importante desse sistema de representações. A análise é feita levando em conta os cinco principais temas abordados pelos textos: Família, Escola, Pátria, Religião e Valores Morais. Define-se os conceitos referentes a cada tema, na forma como são entendidos nos textos; descreve-se para cada tema: a maneira como são apresentados pelos textos, os valores e atributos conferidos a cada um, os elementos mencionados e os membros ou atores. A análise mostra que os textos transmitem regras de moral, de consciência cívica e profissional, valores e estilos de vida, mas, como se pode concluir, seus conteúdos são alienantes, arcaicos e desligados da realidade.

MATERIAL ANALISADO

CEGALLA, Domingos Pascchoal - João de Barro, 3a série. Rio de Janeiro, Cadernos Didáticos, s.d. 128p.

----- - João de Barro, 4a.série. Rio de Janeiro, Cadernos Didáticos, s.d. 104p.

CHAVES, Marilena Florez & GOMES, Hilda André Cruz - O Tira-Teima, 4º livro. São Paulo, Editora Elyas, 1972. 128p.

FERREIRA, Reinaldo Mathias - Estudo Dirigido de Português, 3a.série. São Paulo, Editora Ática, 1974. 95p.

----- - Estudo Dirigido de Português, 4a.série. São Paulo, Editora Ática, 1975. 2a.edição 128p.

FONSECA, Thereza Neves da & MAGALHÃES, Icles Marques - A Mágica do Saber, 4a.série. Rio de Janeiro, Cadernos Didáticos, s.d. 280p.

----- - A Moderna Mágica do Saber - 3a.série. Rio de Janeiro, Cadernos Didáticos, s.d. 175p.

- - Meu Companheiro - Atividades de Linguagem-3a.série.Rio de Janeiro,CADERNOS Didáticos,s.d. 144p.
- GUIMARÃES,Maria do Carmo de Freitas et alii-Ve-nha Conosco-4º livro.São Paulo, Editora Elyas,1970. 174p.
- GUIMARÃES,Ruth Lucena - O Mascote -4º livro.São Paulo, Editora Elyas,1970. 143p.
- LAPA,Edna Lourdes Mancini & IOST,Maria Eunice-Aprender é Festa - 3a.série.São Paulo , IBEP-MEC,s.d. 63p.
- LEITE,Norma de Castro & GENEROSO,Maria Evangelina - Pingos de Leitura -3a.série.São Paulo, Editora do Brasil,1974.Edição nº 28.Exemplar nº2347.208p.
- - Pingos de Leitura -4º ano.Belo Horizonte,Ed.do Brasil,1974.Edição nº 17.Exemplar nº 3717.192 p.
- NEVES,Déborah Pádua Mello - Português Moderno-São Paulo,IBEP,3a.série,s.d. 80p.
- - Português Moderno-4a.série.São Paulo, IBEP,s.d. 95p.
- REBELO,Nair & ACUYO,Nelly - Leitura na Escola Moderna.4ºlivro.Ed.do Brasil-MEC,s.n.t. Edição nº 24.Exemplar nº 0215.143p.

RIBEIRO, Maria Rosa Nunes & GUIMARÃES, Maria do
Carmo de Freitas - Venha Conosco - 3º livro.

São Paulo, Ed. Elyas, 1968. 175p.

SOUZA, Iza Ramos de Azevedo - Cenas Infantis - 4º a-
no, Ed. do Brasil, s.n.t. Edição nº 56. Exem
plar nº 0062. 191p.

OBS.: A transcrição dos textos será feita exata-
mente da maneira como eles são apresentados
nos livros: título (quando houver), autor (quando
for outro que não o do próprio livro) e o texto
completo ou parte dele. Como estes livros cons-
tituem o objeto mesmo de nossa análise, a cita-
ção bibliográfica referente a eles será feita de
modo diferente da convencional; citaremos ape-
nas o título do livro, a série escolar e a página
em que aparece o texto, logo abaixo da transcri-
ção.

1. INTRODUÇÃO

"Não se deixe enganar pela superfície:-nas profundidades tudo se torna lei. Aqueles que vivem mal este segredo(é o caso da maioria), perdem-no apenas para si mesmos, pois transmitem-no a outros como uma carta lacrada sem o saberem."

Rainer Maria Rilke

O propósito deste trabalho foi o de proceder a uma análise dos textos de leitura de livros de "Comunicação e Expressão", adotados nas 3as. e 4as. séries do Ensino de 1º Grau da rede Estadual de três municípios do Estado do Rio de Janeiro: Bom Jesus, Cantagalo e Cordeiro.

Não se pretendeu analisar características literárias ou linguísticas dos textos, mas as implicações sociais de uma determinada linguagem (a dos textos). Indicar uma leitura das mensagens e representações (imagens, mitos, idéias e conceitos) veiculadas pelos textos que possibilitassem evidenciar como estes desempenham uma função social.

Levando em conta que uma das funções da educação é a de transmitir conteúdos, para se compreender o processo educativo, é necessário entender a mensagem que eles transmitem. Nessa transmissão de conteúdos, a linguagem é instrumento especialmente importante como um sistema de representações da sociedade. Nesse sentido, educar é socializar, incorporar à sociedade, transmitir uma cultura determinada, segundo formas históricas específicas.

Necessário se faz assinalar que não consideramos que os textos escolares sejam o principal agente de transmissão de mensagens, nem o principal

agente educativo. Mas os livros de texto oferecem uma vantagem prática que justifica começar por eles. Esta vantagem consiste no fato de que, neles, os conteúdos estão sistematizados e condensados de forma mais acessível, pois formam um conjunto de elementos entre os quais se pode encontrar ou definir alguma relação.

As mensagens transmitidas pelos textos têm várias funções, geralmente atribuídas por órgãos oficiais e que se definem como: "desenvolvimento da capacidade de comunicação eficiente, da auto-expressão, do interesse da leitura para fins de estudo, formação pessoal e recreação, interesse pelo aperfeiçoamento na área relativa à língua nacional em geral ..."(1), mas o que nos interessa no presente trabalho é a função transmissora de significados que correspondem a uma determinada maneira de perceber a realidade.

Queríamos fazer um trabalho que abrangesse as quatro primeiras séries do Ensino de 1º Grau , mas devido à grande quantidade de material que deveria ser trabalhado e às dificuldades desse tipo de análise, somente foram analisados os textos dos livros adotados nas 3as. e 4as. séries, além do que, os textos que aparecem nos livros adotados nestas séries, são mais longos e têm conteúdos mais con-

sistentes e, portanto, se prestam mais ao tipo de análise pretendido.

A escolha da área deveu-se apenas à facilidade de acesso aos dados necessários ao estudo (relação dos livros adotados nas escolas da rede estadual em 1975 - dados colhidos em todas as escolas estaduais dos três municípios citados), já que participamos de uma experiência da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, na área citada. (*)

Cabe aqui esclarecer que a adoção dos livros didáticos pelas escolas está subordinada a determinações do Instituto Estadual do Livro (INELIVRO),

-
- (*) A citada experiência é resultado de um projeto realizado pelo Laboratório de Currículos da Secretaria de Educação e Cultura-RJ, que criou o Núcleo Comunitário de Educação, Cultura e Trabalho de Cordeiro, com o apoio das Secretarias de Agricultura e Saúde do Estado. O projeto tem como principal objetivo implantar currículos que, através de novas metodologias, possibilitem a Terminalidade Antecipada a nível de 1º Grau, para a formação de mão de obra qualificada e integração de educação, cultura, trabalho, saúde e lazer. O Núcleo de Cordeiro pretende atender a sete municípios da Região Serana V: Bom Jardim, Cantagalo, Cordeiro, Duas Barras, Nova Friburgo, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto e Trajano de Moraes. Em 1975, quando iniciou suas atividades, atendeu somente aos três primeiros municípios. Para maiores detalhes, ver: "Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Laboratório de Currículos. Projeto do Núcleo Comunitário de Educação, Cultura e Trabalho de Cordeiro, Rio de Janeiro, 1976.

que envia para as escolas uma relação de títulos , os livros a serem adotados devem ser escolhidos entre os que constam desta relação que, por sua vez, foi selecionada por aquele órgão de uma relação maior distribuída pelo Instituto Nacional do Livro (INL). Desse modo, os livros que são objeto de nossa análise, podem estar sendo adotados também em outras escolas do Estado.

Na análise dos textos procuramos verificar qual a problemática social e a concepção da realidade que os textos apresentam, o significado das mensagens que transmitem e, ainda, detectar as formas de organização das mensagens caracterizadas pela forma de seleção, dentro de um repertório de unidades disponíveis e combinação das unidades para formar a mensagem.

O Conceito de Ideologia

Quando falamos em análise de mensagens e representações, falamos em análise ideológica. Necessário se faz, portanto, definir o significado emprestado ao termo "ideologia" no presente trabalho, pois disto dependerá a compreensão do enfoque teórico e prático de nossa investigação.

O fundamento desse conceito está na relação

que estabelece entre infraestrutura e superestrutura. Marx e Engels chamaram infraestrutura ou base à estrutura econômica da sociedade (estrutura entendida como o conjunto de relações que se estabelecem entre os elementos de uma totalidade articulada e que vão determinar o tipo de organização dessa totalidade) e superestrutura, às instituições jurídico-políticas e às "formas da consciência social" (ideologia) que correspondem a uma infraestrutura determinada.

As noções de infraestrutura e superestrutura expressam a relação existente entre nível econômico da sociedade (modo de produção, maneira como os bens materiais são produzidos em uma dada sociedade, totalidade das relações de produção) e os níveis jurídico-político e ideológico a que correspondem respectivamente o Estado e o direito e as chamadas "formas de consciência social".

É na infraestrutura que se deve buscar o elo condutor para explicar os fenômenos sociais que pertencem à superestrutura.

"A produção de idéias, de concepções, e da consciência liga-se, a princípio, diretamente e intimamente à atividade material e ao comércio material dos homens, como uma linguagem da vida real. Os

conceitos, o pensamento, o comércio intelectual dos homens, surgem aqui ainda como emanação direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção intelectual, tal como se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo. Os homens é que são os produtores de seus conceitos, de suas idéias, etc, mas os homens reais, ativos, condicionados por uma evolução definida de suas forças produtivas e pelas relações correspondentes a elas, inclusive as formas mais amplas que estas possam tomar." (2)

Esta afirmação não implica, no entanto, em dizer que tudo se reduz a um simples reflexo do econômico. As condições econômicas são, em princípio, as determinantes, mas as outras instâncias da sociedade também desempenham um papel.

É certo que os elementos da superestrutura es tão ligados direta ou indiretamente às mudanças operadas na infraestrutura, mas eles têm uma autonomia relativa e seu desenvolvimento é regido por leis específicas.

"El desarrollo político, jurídico, filosófico, religioso, literário, artístico, etc, descansa en el desarrollo económico. Pero todos ellos repercuten

también los unos sobre los otros y sobre la base de la necesidad económica, que se impone siempre, en última instancia." (3)

Como vimos, existe uma articulação entre os três níveis: o econômico, o jurídico-político e o ideológico, sendo os dois últimos pertencentes à superestrutura.

Quanto à ideologia, ela não se limita a ser somente uma instância da superestrutura, ela como que desliza pelas outras partes do universo social. A ideologia é, assim, para as pessoas que vivem numa dada sociedade, inseparável da experiência vivida por essas pessoas; por isso, toda e qualquer análise do vivido está profundamente marcada pela ação da ideologia. Internalizada sob a forma de representações coletivas, é de certa forma uma vivência das estruturas dessa sociedade.

Desse modo, a ideologia engloba todas as formas de consciência social que corresponde a inúmeras atividades das quais participam os homens em sociedade: política, jurídica, filosófica, econômica, moral, religiosa, etc, referindo-se também a todas as instituições que operacionalizam estas idéias, atitudes ou teorias, já que toda idéia ou teoria dá origem a comportamentos que se identificam com ela. Em um sentido mais amplo, diz respeito

a tudo o que se convencionou chamar institucionalidade de uma sociedade. No dizer de Verón:" ... la enumeración de las formas ideológicas cubre un area de enorme amplitud ...

Esta actitud plantea sin duda muchos problemas; lo que interessa subrayar aqui es que en la intención de Marx la teoria de la ideologia debí abarcar en forma unitaria el campo de lo que hoy llamaríamos "sociologia de la cultura." (4)

(5)
De acordo com interpretação de Harnecker, o nível ideológico é formado por dois tipos de sistemas: os sistemas de idéias-representações sociais (as ideologias em sentido restrito) e os sistemas de atitudes-comportamentos sociais (os costumes).

Os sistemas de idéias-representações sociais englobam as idéias políticas, jurídicas, religiosas, morais, filosóficas e estéticas dos homens em uma determinada sociedade. Estas idéias aparecem sob a forma de representações do mundo e do papel do homem neste mundo. Não são representações objetivas ou científicas do mundo, mas representações plenas de elementos imaginários. Embora as ideologias possam conter elementos do conhecimento, nelas predominam os elementos que

têm uma função de adaptação à realidade. As rela
ções dos homens com o mundo são vividas dentro
da ideologia. E é a ideologia que transforma a
consciência, as condutas e as atitudes dos homens
para adequá-las às suas tarefas e condições de e-
xistência.

Os sistemas de atitudes-comportamentos cor-
respondem ao conjunto de hábitos, costumes e ten
dências de reagir de determinada maneira. Impor
tante se faz assinalar que através desses sistemas
de atitudes-comportamentos se expressam determi-
nadas tendências ideológicas.

A ideologia comporta representações, imagens,
conceitos, etc, mas estes elementos não podem ser
considerados separadamente, pois a ideologia, co
mo todas as realidades sociais, só pode ser enten-
dida através de sua estrutura. É a maneira como
os elementos se combinam que lhes dá sentido, é
sua estrutura que determina seu significado e sua
função.

Apesar da ideologia se encontrar de modo di-
fuso em todo o corpo social, pode ser dividida em
regiões particulares centradas em diferentes te-
mas: ideologia moral, religiosa, filosófica, polí-
tica, etc, assim como podemos encontrar diferen-
tes tendências ideológicas que expressam as repre-

representações das diversas classes sociais: ideologia burguesa, pequeno burguesa, proletária, etc.

Dizer que a ideologia como sistema de idéias-representações é inseparável da experiência vivida pelos indivíduos é dizer que ela penetra seus costumes, hábitos, gostos, que ela é, portanto, vivida sem que os fundamentos dessas representações aflorem ao nível do consciente. Podemos dizer, assim, que a ideologia é vivida pelos homens, como uma natureza social, é inconsciente.

O fato do indivíduo viver este corpo de representações sem se dar conta do seu fundamento organizacional remete ao fato de que a ideologia está inserida na dimensão inintencional da realidade social, pois "É impossível renunciar à sua própria ideologia sem perder sua própria personalidade, isto é, sem suprimir os traços característicos do sistema ao qual se pertence." (6)

Assim, uma leitura ideológica de qualquer mensagem difere daquela leitura primária em que se percebe somente os enunciados linguísticos manifestos das informações dadas; naquela, trata-se de buscar a ligação inconsciente ou imersa de todas as unidades do discurso, as estruturas latentes sobre as quais se constrói a mensagem e que orga

nizam sua significação e que refletem as estruturas subjacentes do sistema no qual ela se formou.

A ideologia é um dos muitos níveis de organização das mensagens, do ponto de vista de suas propriedades semânticas, é um nível de significação que pode estar presente em qualquer tipo de mensagem, inclusive no discurso científico. Desse modo, qualquer material da comunicação é passível de uma leitura ideológica.

Portanto, os indivíduos que vivem estas representações, vivem um jogo do qual não conhecem as regras; o papel do investigador seria, então, o de descobrir estas ditas regras, o nível de significação das mensagens. Este nível de significação se descobre decompondo-se as mensagens para estudar os mecanismos de seleção e combinação que dão lugar aos dois tipos básicos de relações entre os signos. A ideologia opera, então, por conotação e não por denotação. A leitura ideológica da comunicação social consistirá, assim, em descobrir a organização implícita das mensagens.

"... uno de los puntos centrales del estudio de la comunicación ha consistido en subrayar que la clave para comprender como los mensajes controlan la conducta está en la organización de los

mensajes y no en su contenido explícito. Dado que la estructura de los mensajes, por definición no es manifiesta, conviene entonces advertir, que el carácter no manifiesto de la función normativa o conativa de los mensajes ideológicos deriva de las propiedades mismas de la comunicación. No resulta de ninguna presunta "intencionalidad" de ocultamiento, o dissimulación, como ha sido planteado generalmente en los estudios clásicos sobre ideología." (7)

Assim, a função manifesta das mensagens não deve ser confundida com sua função ideológica. Nas sociedades atuais, uma das funções mais importantes da comunicação é a função informativa. Encontramos, então, no que diz respeito ao estudo da ideologia, mensagens cuja função manifesta é descriptiva e cuja função real é normativa. Mas, quando se trata de mensagens cujos conteúdos se comunicam diretamente, quando eles são manifestos, a maioria dos autores prefere chamar de propaganda e não de ideologia. (*)

(*) Otto Klineberg, em sua Psicologia Social, procura mostrar que há controvérsias sobre a inintencionalidade da propaganda. Alguns autores questionam se o termo propaganda pode ou não ser empregado nos casos em que não há intenção de controlar as opinões e atitudes das pessoas. Cita Doob que fala da propaganda não intencional, dizendo que esta não leva em consideração o efeito social de suas próprias ações. Mas Klineberg parece chegar à um consenso quando diz: "no interesse de uma terminologia satisfatória, parece-nos recomendável empregar a palavra a todos os casos em que há tentativa deliberada do controle de atitudes e opiniões." (8)

Geralmente, a maioria das mensagens não possui a clareza direta da propaganda nem o hermetismo da ideologia, encontram-se a meio termo, combinando o explícito e o implícito. Mas o fato de combinarem o explícito e o implícito não quer dizer que apareça de modo manifesto a lei de organização dessas mensagens, como já foi dito. Greimas, por exemplo, distingue três níveis do discurso: um nível implícito, regido implicitamente por seus próprios modelos de organização; um nível parcialmente explicitado, mas que conserva implícitos os modelos aos quais encontra-se subordinada a manifestação discursiva; e o nível explicitado ou manifesto. (9)

Voltamos, assim, ao problema da intencionalidade na emissão das mensagens. Esta intencionalidade, no caso da mensagem ideológica, parece não existir, pois o emissor da mensagem faz parte de um sistema do qual é, de certa maneira, sem que saiba, uma peça e um operador. Sua posição na estrutura determina a internalização de imagens, conceitos e idéias que vão determinar suas opiniões e atitudes. Podemos dizer, então, que a ideologia não é a construção abstrata de um indivíduo ou de uma classe, está intimamente relacionada com a estrutura de uma dada sociedade.

"Isto significa que as opiniões, declarações, proposições e sistemas de idéias não são tomadas por seu valor aparente, mas interpretadas à luz da situação de vida de quem os expressa. Significa, ainda mais, que o caráter e a situação de vida específicos do sujeito influenciam suas opiniões, percepções e interpretações." (10)

Quando caracterizamos a ideologia como um jogo do qual os indivíduos participam sem conhecer suas regras, estamos afirmando o caráter inintencional da ideologia. Numa análise ideológica, então, devemos encontrar um método que seja capaz de superar a superfície, o manifesto, e que nos permita reconstituir a coerência das representações, as regras de seleção e combinação. Devemos advertir, portanto, que não nos é possível aceitar certos tipos de métodos cujos pressupostos epistemológicos impeçam de superar um certo nível da realidade, ou seja, o nível da aparência.

As observações feitas até aqui têm como propósito esclarecer o enfoque teórico de nossa investigação. A análise de textos que se segue foi uma tentativa de aplicação dessa orientação teórica.

No método utilizado para análise dos textos, seguimos Verón^(11) e Boggio^(12). Os passos necessários à sistematização, interpretação e controle

dos textos e mensagens utilizados em nossa análise, são os que se seguem.

Consideramos dois níveis do discurso:

- o nível latente, onde encontramos a ideologia, o sistema de idéias-representações, descoberto ao se decompor as mensagens para estudar os mecanismos de seleção e combinação.
- o nível manifesto, representado pelos enunciados ou estruturas linguísticas (palavras, frases, etc).

A ideologia será, então, a geradora de determinados enunciados.

Na análise, procedemos de modo contrário, pois o que temos são os enunciados, devemos, portanto, reconstruir a ideologia.

Para se proceder a este tipo de análise, passamos por dois momentos: ordenação do material e interpretação.

No momento da ordenação do material, fizemos a relação dos livros (num total de dezoito) destinados à análise e procedemos à leitura dos textos neles contidos. (*)

(*) Embora a quantidade do material pareça excessiva, na verdade não o é, pois em sua quase totalidade, os livros analisados dedicam pouco espaço aos textos (cerca de 30% a 40% do espaço total, aproximadamente); o restante é ocupado com os mais variados tipos de exercícios, o que denota uma exagerada preocupação com a avaliação ou com o fato de querer poupar ao professor o "trabalho" de organizar seus próprios instrumentos de avaliação.

O que a leitura nos mostrou foi uma enorme semelhança entre todos os livros, o que nos deu a impressão de estar lendo um único livro e não dezoito.

Assim, tentando uma analogia com Levi-Strauss, a respeito do ele diz sobre o mito - o mito é formado de unidades constitutivas, os mitemas, que são elementos que provêm particularmente do mito - consideramos, para efeito de nosso trabalho, a existência de um único livro e uma série de títulos que seriam elementos provindos particularmente do livro principal. Desse modo, citamos, ao longo do trabalho, textos de vários livros, mas pelo que já foi dito, não nos preocupamos em fazer estatísticas sobre o número de vezes que este ou aquele livro foi citado ou quantas vezes e em quantos livros os temas aparecem, embora tenhamos tido o cuidado de citar todos eles. Portanto, se alguns livros aparecem referidos mais vezes que outros, isto somente se deve ao fato de que alguns dos seus textos exemplificam melhor o que quisemos dizer.

Outra verificação feita a partir da leitura dos livros de textos foi a alta taxa de recorrência de determinados temas.

Estes temas, que estão presentes em todos os textos analisados, foram separados por nós, para facilitar a análise - e esta divisão, queremos deixar claro, foi de ordem exclusivamente didática - em cinco grandes temas, que foram considerados, a partir daí, os temas-chaves de nossa análise: são eles A FAMÍLIA, A ESCOLA, A PÁ - TRIA, A RELIGIÃO e OS VALORES MORAIS.

Após esta seleção, passamos à sistematização da informação, que obedeceu ao seguinte critério:

1. Definição dos conceitos referentes a cada tema na forma como são entendidos nos textos;
Em seguida, procuramos descrever
2. como os textos apresentam cada tema;
3. que valores e atributos são conferidos a cada tema;
4. que elementos são mencionados (objetos, símbolos, etc);
5. quais os membros ou atores (classificação, atributos e atividades que realizam).

No momento da interpretação, procuramos estabelecer uma visão de conjunto do que é transmitido pelos textos, a propósito de cada tema, para verificar que tipos de conceitos se selecionam e

como se combinam. Em seguida, procuramos identificar a idéia geral sobre a sociedade que dava coerência e explicava os temas analisados, quando pudemos concluir que os temas não são independentes, mas têm um fundo comum ideológico, característico de determinadas formas de pensamento , que justificam e explicam uma determinada visão da sociedade, possível de ser percebida interpretando-se a informação através de certas oposições básicas deduzidas da análise.

2. OS TEXTOS : Apresentação dos Conteúdos

Como dissemos na introdução, nosso objetivo, ao analisar os livros de texto de "Comunicação e Expressão", foi o de verificar o conteúdo das mensagens veiculadas pelos textos. Nosso enfoque incidu, portanto, sobre o conteúdo mesmo dos textos.

Apesar disso, abrimos aqui um parêntese para registrar, embora fuja ao propósito de nossa análise, a excessiva importância dada nos livros, aos procedimentos de avaliação, importância denotada pelo espaço dedicado a esses procedimentos, cerca de 60% a 70% da maioria dos livros analisados (com uma única exceção: Leitura na Escola Moderna, de Nelly Acuyo e Nair Rebelo, 4º livro, único livro de textos que realmente só possui textos). Este fato salta aos olhos, pois os livros analisados são considerados, em princípio, como livros de textos de leitura e, por isso, espera-se que, pelo menos, a maior parte de seus espaços seja dedicada a textos de leitura, o que, como notamos, não ocorre.

Voltando ao conteúdo dos textos, verificamos a identidade de pontos de vista na seleção dos assuntos, o que provoca alta taxa de recorrência dos temas e mesmo repetição de textos em vários li -

vros.

Feitas estas colocações, não nos deteremos mais nos conteúdos transmitidos pelos textos escolares, pois eles constituem matéria dos itens seguintes. Passamos a examinar, agora, como se manifestam estes conteúdos e como são apresentados ao leitor.

2.1 Os Personagens

Os livros de texto apresentam personagens (pessoas que figuram na narração) caracterizando-os pelos atributos físicos (cor, sexo) e pelas funções que executam e não por sua personalidade, modo de ver o mundo, vida social, etc. São estas as características do modelo que os tornam mais identificáveis. As diferenças entre os vários personagens são, portanto, definidas apenas por seus atributos físicos e funções que executam. É a partir dessas diferenças que se elaboram as concepções sobre o que é pai, mãe, professor, criança, etc.

"UM ESCRITOR - MACHADO DE ASSIS

(adaptação)

Era uma vez um menino que se chamava Joaquim

Maria Machado de Assis. Era feio, gago e doente. Mo-

rava num morro do Rio de Janeiro.

Seu pai era preto e trabalhava como pintor de ca
sas. Sua mãe era branca e ajudava nas despesas da ca-
sa com lavagem de roupa.

Viviam pobremente, mas mantinham sua casinha
bem arrumadinha, procurando educar, com muito a-
mor, seus filhos.

Desde criança o moleque Joaquim acostumou-se
a ouvir uma boa linguagem, pois sua mãe era portugue-
sa e o seu pai gostava de ler ..."

(Aprender é Festa, 3a.série, p.37)

Os personagens são apresentados nos textos
como modelos que devem ser imitados, pois seus
atributos são justamente aqueles louvados por es-
tes textos e, por isso mesmo, não podem ser iden
tificados como pessoas reais com virtudes e defei-
tos.

"CAIXEIRINHO EDUCADO

Luis Jardim

... Chico apresentava-se muito bem vestido e a-
tendia os fregueses com muita cortesia e educação. Do-
na Piá, sua mãe, escolhia para ele as melhores roupas,
a fim de vê-lo mais elegante e bonito ..."

(João de Barro, 3a.série, p.47)

Os personagens femininos adultos são sempre apresentados entre quatro paredes (as do lar) e dedicam-se principalmente às atividades domésticas. Abre-se uma exceção para a professora, mas que também aparece num ambiente interior, a escola, mas, como o magistério não é considerado nos textos uma profissão, mas um ideal, uma missão, a professora encontra-se na mesma situação dos outros personagens femininos, mas tanto ela como a mãe são mediadoras entre o mundo e o lar, como veremos mais a frente. Os personagens masculinos adultos são representados no mundo exterior e dedicam-se a atividades profissionais. As crianças são mostradas no lar ou na escola, cumprindo normas (regras, prescrições) estabelecidas pelos adultos.

"Frederico, sua esposa Alice e seu filhinho viviam numa nesga de terra que cultivavam.

O casal possuía alguns animais domésticos.

Frederico tinha que arar a terra, espalhar as sementes e arrancar o mato, cortar o feno, limpá-lo e empilhá-lo em feixes ao sol.

Alice cuidava da casa, fazia comida, batia a manteiga, dava de comer aos animais e olhava o filhinho ..."

(Pingos de Leitura, 3a.série, p.47)

2.2 As Normas

As relações pessoais, nos textos, são reduzidas à execução de normas. Propõem uma normalidade restritiva e só permitem um tipo de manifestação, não levando em conta as diferenças individuais. Esta normatividade é manifestada nas regras de conduta: "... as regras que regem sua produção coincidem com a definição vigente da representação objetiva do mundo, ou melhor, com o sistema de normas sociais de percepção, insensivelmente inculcadas através do convívio prolongado com representações produzidas segundo as mesmas normas." (13)

As relações da criança com o mundo são apresentadas de forma padronizada, impedindo que ela capte, por sua própria conta, a riqueza dessas relações, o que, conseqüentemente, irá dificultar a formação de conceitos e a emissão destes, já que a criança é mostrada sempre como um ser passivo.

Os textos repetem o mesmo argumento e as mesmas características com cada tipo de personagem, o que dá a impressão de serem os únicos que existem na realidade, contribuindo, assim, para reforçar o caráter restritivo da mensagem.

2.3 A Deformação da Realidade

Uma outra característica marcante nos textos é a de mostrarem a sociedade, o homem e a realidade em geral de uma maneira tão simples (sem nenhuma dificuldade, complexidade ou problema), que se nos parece uma deformação do real. Isto vem corroborar o que diz Marta Harnacker sobre o caráter falso e deformado das representações ideológicas: "Las ideologías contienen elementos de conocimiento de la realidad, pero éstos se encuentran siempre integrados por un sistema global de representaciones que, por principio, es un sistema deformado y falseado de la realidad." (14)

Esta característica deformadora inclui a constituição de uma tendência maniqueísta que vê o mundo dominado por dois princípios antagônicos e irreduzíveis: o bem e o mal. Quem segue as normas é considerado bom, quem não o faz é mau. Não existem outros critérios para valorar a realidade. Assim, toda conduta que não for prescrita nos textos como boa, será considerada má. É a percepção da realidade por dicotomia que propicia esta oposição que vai ordenar outras, tais como: recompensa / /castigo, família / mundo, segurança / hostilidade, etc.

2.4 A Apresentação dos Textos

Os livros reproduzem textos de autores brasileiros consagrados, só que estes textos são recortes, trechos de suas obras e, por isso, perdem muito do seu sentido, justamente por terem sido retirados de seu contexto literário e, assim, o que poderia ser um excelente meio de divulgação de autores nacionais entre os escolares, fica prejudicado pela maneira pela qual é feito. Dessa forma, aparecem trechos de obras de Êrico Veríssimo, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, Humberto de Campos e muitos outros. Exemplo do que acabamos de dizer é o texto retirado de "Aventuras de Tibicuera", de Êrico Veríssimo:

"NASCI

Êrico Veríssimo

Nasci na taba de uma tribo tupinambá. Sei que foi numa meia-noite clara. Fazia luar. Minha mãe viu que eu era magro e feio. Ficou triste mas não disse nada. Meu pai resmungou:

— Filho fraco. Não presta para a guerra.

Tomou-me então nos seus braços fortes e saiu caminhando comigo para as bandas do mar. Ia cantando uma canção triste. De vez em quando gemia.

Os caminhos estavam respingados do leite da lua.

O urutau gemeu no mato escuro. Uma sombra rodopiou ligeira por entre as árvores.

O mar apareceu na nossa frente: grande, mole , barulhento, cheio de rebrilhos. Meu pai parou. Olhou primeiro para mim, depois para as ondas... Não teve coragem.

Voltou para a taba. Minha mãe nos recebeu em silêncio."

(Português Moderno, 4a. série, p.14)

Outro fato digno de registro é a "linguagem" utilizada nos textos; ora encontramos palavras em poladas (como que para mostrar que o professor de ve ter erudição), ora usa-se diminutivos como que para se aproximar mais do "vocabulário" do aluno (como poderemos verificar no decorrer do trabalho).

Ainda sobre a apresentação dos textos, notamos a frequência de "versos", cujo aparecimento de modo tão reiterado talvez possa ser explicado pelo fato de serem de mais fácil assimilação pela criança (e/ou como reflexo da cultura repetitiva que se impõe ao aluno).

As histórias de animais (em que os mesmos falam, trabalham, etc) parecem ser aproveitadas

porque permitem situações e desenlaces que não se riam possíveis ou, pelo menos, não aceitáveis se se tratasse de pessoas.

"A FORMIGA E A FILHA

Silva Araújo Campos

A formiga cosia muitas costuras de ganho e ensinava também a filha a coser. Quando saía, deixava a tarefa de costura para ela; mas a bichinha arreava o trabalho, ia para o mato, ajuntava aquela porção de folhas e trazia para casa, começando então a cortá-las com a tesoura.

Quando a mãe chegava, que achava aquele montão de folhas cortadas, agarrava-a e dava-lhe muita pancada. Isso era todos os dias. A formiga já não sabia o que fizesse para corrigir a filha. Até que um dia, muito zangada, pegou numa corda e amarrou-a pela cintura ao pé de uma mesa. Em seguida, foi para a rua, trancando a casa.

Tanto fez a formiguinha, tanto sungou, tanto espioteou, que o nó da corda foi apertando, arrochando-lhe a cintura, de modo que quase a tora em dois pedaços . Quando a formiga chegou, que viu a filha naquele estado, com a cintura tão fina devido ao arrocho da corda, teve pena dela e soltou-a.

Mal se apanhou, a formiguinha não teve mais con-

versa. Correu para o mato. Toca a carregar folhas para cortar em casa com a tesoura. Vendo que não podia mais corrigí-la daquele mau costume, a mãe botou - a de casa para fora, dizendo:

— Arre! Vai-te! Tua sina há de ser cortar folhas até o mundo se acabar.

Por isso é que a formiga saúva só vive cortando fo lhas para carregar para o formigueiro, tem a cintura tão fina e uma tesoura na cabeça."

(Português Moderno, 4a. série, p. 70)

Feitas estas colocações mais gerais, passare mos agora à análise dos cinco temas em separado.

3. A FAMÍLIA

A família mostrada nos textos é um grupo constituído de pai, mãe e um ou mais filhos (embora às vezes apareçam alguns parentes: avós e tios). Vivem numa casa que é também o seu lar - cabe aqui estabelecer uma diferença entre casa e lar. Por casa se designa o local de habitação; lar tem uma conotação bem mais ampla, além da casa-habitação é a própria família, tem um sentido mais emocional, afetivo, é "refúgio", "proteção" e "aconchego" - possuem determinados atributos, realizam certas atividades e, individualmente ou em grupo, cumprem determinadas funções definidas dentro de um contexto (e que veremos a seguir).

É o tipo de família considerado normalmente a unidade básica da estrutura social (pois, pelo que pudemos perceber, os textos mostram a sociedade como um agrupamento de famílias ou como uma "grande família") onde se constituem as duas relações primárias de parentesco: as de paternidade e as de irmandade.

A influência da família na vida da criança é decisiva. É na família que ela se socializa. O contexto familiar condiciona não só o seu desenvolvimento mas o grau de adaptação à sociedade.

A família é a primeira força modeladora da

criança. Só após alguns anos de vida começa a atuar o meio externo. O homem que, por sua essência é um ser social, começa a sê-lo no lar, através do contato com o grupo que o rodeia.

Este contexto maior, o mundo, no qual está inserida a família, é considerado hostil. Isto conduz a uma oposição que, como todas as outras que aparecem, tem origem naquela oposição básica a que já nos referimos: bem/mal. Esta oposição lar/mundo ou segurança/hostilidade pode ser verificada pelo fato dos textos mostrarem o mundo fora da família, do lar, como um mundo hostil, onde se luta e sofre em contraposição com as funções cumpridas pela família: refúgio (pois dá segurança, abrigo, apoio, amparo e proteção), amor (ou sentimento de dedicação exclusiva) e preparação para a vida (dá as regras básicas de conduta, com a finalidade de preparar os jovens para diferentes atividades, objetivos e expectativas).

"O PRIMEIRO DIA DE AULA

Edmundo de Amicis

Às dez horas achávamo-nos todos na aula: cinquenta e quatro; apenas quinze ou dezesseis dos meus companheiros do ano passado...

Pareceu-me tão triste a pequena escola, pensan-

do nos bosques, nas montanhas onde passei o verão!

Senti necessidade de encontrar minha mãe na saída e corri beijar-lhe as mãos.

— Coragem, Henrique! disse-me ela. Estudaremos juntos.

Voltei para casa contente."

(Português Moderno, 3a. série, p.12)

A arquitetura da casa é mostrada através da descrição de espaços amplos e confortáveis reforçando a imagem do lar tranquilo, seguro, capaz de proporcionar alegria, felicidade e serenidade às pessoas que nela vivem. É o "refúgio" seguro contra a hostilidade do mundo exterior.

" HORA DE DORMIR

Eneida

Quando faltavam alguns minutos para as oito horas da noite, mamãe avisava que estava na hora de dormir. Meus irmãos e eu olhávamos para um bonito relógio de ponteiros dourados que ficava na sala de jantar. E o relógio confirmava a hora com oito batidas sonoras ... Ele anunciava o fim de mais um dia em nossa vida alegre e feliz.

Como todas as crianças, não gostávamos da hora de dormir. Mas amávamos o relógio e a sala de jantar,

que era imensa e abria para o quintal. Podíamos ver ainda, na sombra da noite, a caramboleira, os cajueiros, a velha mangueira e outras árvores, nossas irmãs e companheiras de travessuras ..."

(João de Barro, 3a. série, p.16)

A outra função da família é a preparação da criança para a vida, e, neste sentido, a família é considerada a primeira escola e os pais os primeiros professores, pois são eles que dão as regras básicas de comportamento para o futuro.

Dos pais, as crianças adquirem atitudes, comportamentos e valores sociais sob os quais deverão pautar suas vidas. Essa transmissão de regras, costumes e conhecimentos, feita pelos pais, difere daquela realizada pelos professores na escola. Na família, essas regras de conduta são "ensinadas" no decorrer da convivência cotidiana, a transmissão é feita de modo assistemático e informal, acontecendo quando a ocasião se mostra propícia.

" A POMBINHA

Viriato Correa

A primeira vez que apareci em casa com uma pombinha implume, tirada do ninho, minha mãe me ralhou.

— Isto não se faz, meu filho, disse-me com a sua voz de veludo. Essa pombinha tem mãe e a esta hora a pobre mãe está inquieta à procura dela. Tu gostarias de me ver sofrer?

— Não, não, mamãe, respondi prontamente.

— Pois a dor que eu sentiria se alguém te levasse para sempre de perto de mim, está sentindo a mãe dessa pombinha. Os bichos também têm coração. Amam-se, querem-se bem como nós."

(Estudo Dirigido de Português, 3a. série, p.10)

É um sistema de treinamento baseado em recompensas e castigos. O valor básico pregado pelos pais é a obediência. Querem que seus filhos sejam obedientes e que desde cedo aprendam a distinguir entre o bem e o mal (oposição básica na vida social) ou, pelo menos, o que eles concebem como bem e mal. Se a criança se comporta de acordo com as normas estabelecidas, é boa e merece ser recompensada, caso contrário, é considerada má e deve ser castigada. É necessário, também, que reconheça os esforços efetuados pelos pais em seu benefício. A criança deve ser, na família, um projeto de adulto, o adulto é o modelo a ser imitado, é na família que ela se prepara para ser um adulto em um "mundo perigoso".

"CID

Domingos Paschoal Cegalla

Menino bom e inteligente é o Cid ...

Seu rosto moreno, iluminado por dois olhos vivos e brilhantes, mostra que ele é uma criança feliz. Os vizinhos gostam muito dele, principalmente Dona Olga, a doceira mais famosa do bairro, que não se cansa de gabar o menino:

—Seu filho é uma pérola, Dona Dulce. Fico encantada de ouvi-lo falar. Ele tem uma conversa tão certinha e educada que parece de gente grande.

O pai de Cid é garçon de um hotel perto do porto . Tem verdadeira adoração pelo filho e nunca volta para casa sem lhe levar alguma coisa: um brinquedo, um livro, uma revista ...

... Cid reconhece os sacrifícios que os pais fazem para lhe dar uma boa educação e ele se esforça ao máximo a fim de corresponder ao amor deles. Está cursando a 4a. série e já tem um ideal: quando for grande vai montar uma fábrica de brinquedos como aquela em que sua irmã trabalha. Ele acha os brinquedos muito caros e quer fabricá-los mais bonitos e baratos, ao alcance de todas as crianças ..."

(João de Barro, 3a. série, p. 75-76)

Os pais esperam ter o respeito incondi -

cional dos filhos e querem recebê-lo como direito próprio, como obrigação, como retribuição ou pagamento pela proteção, trabalho e sacrifícios dedicados a eles. Dão alguma coisa mas esperam receber algo em troca. Mas esta dívida é tão imensa que a criança jamais será capaz de pagar, desse modo, e-la estará sempre na condição de devedora, criando-se, assim, uma relação de dependência (emocional, afetiva, econômica) que impede que tenha liberdade para "crescer" afetiva e intelectualmente. Todo este quadro contribui para formar uma criança conformista, submissa e individualista. Nestas circunstâncias, a criança vive numa situação de subordinação e dependência, vendo-se compelida a suportar pressões autoritárias pouco construtivas para a estruturação de sua personalidade.

"AMCR MATERNO

Malba Tahan

...— Cuida de tua mãe de modo que nada lhe possa faltar. Sê para ela dedicado, bom e obediente. Mas não julgues que poderás pagar, algum dia, o que lhe deves, pois é uma dívida tão grande, que nem mesmo todos os tesouros da terra a poderiam resgatar."

(Cenas Infantis, 4a. série, p. 73)

Essas funções atribuídas à família supervalo

rizam-na como único reduto de amor e proteção (já vimos o que os textos entendem por amor e proteção), nenhuma outra fonte capaz de cumprir com essas funções é citada.

A família é apresentada sempre como cumpridor das funções frente à criança, os problemas vividos por uma família comum: econômicos, de relacionamento entre seus membros, sua posição no contexto social, não são mostrados. Na família dos textos, as pessoas são boas, cumprem seus deveres, se amam, tudo corre sem problemas. Dentro da família tudo é paz, o perigo está fora dela, no mundo.

Esta função atribuída à família (a de preparação para enfrentar o mundo) nos parece de um realismo falacioso pois, na verdade, ela não está preparando a criança para a vida fora do lar, mas apenas inibindo, já que as atitudes dos adultos(pais) forjam uma criança dependente, submissa e sem iniciativa. Assim, acreditamos que este mundo perigoso só aparece como oposição à função protetora da família (para justificá-la e reforçá-la).

3.1 A Estrutura Familiar

O núcleo familiar é formado basicamente por: pai, mãe e filhos. às vezes, no ambiente familiar são citados: avós, tios e empregada doméstica. A caracterização desses elementos e as relações entre eles, somado ao que já foi dito, proporciona - rão maior entendimento da noção de família dada pelos textos.

O pai parece ser quem organiza o universo familiar. Chefe e autoridade maior na administração do lar é quem detém o poder, e poder, nos textos, está intimamente ligado a sexo, é sempre a figura masculina a encarregada de exercê-lo. Seus deveres consistem em sustentar a mulher e os filhos, transmitir normas de conduta e ainda possibilitar a educação desses últimos. Como é ele que vai "enfrentar" o mundo com todos os seus "perigos" para trabalhar e prover o sustento da família, tem direitos e privilégios no lar: deve ser respeitado e obedecido sem contestações.

A relação entre pais e filhos é vertical, o pai é a autoridade máxima e como autoridade deve ser tratado, não se nota comunicação e afetividade nesse relacionamento (a comunicação é feita através da mãe).

A relação pai-mãe (marido-mulher) também se processa verticalmente. O pai é o dono, amo e senhor do lar (onde, é claro, inclui-se a mulher). A mulher deve ao homem obediência e respeito. "La mujer tiene que adaptarse a las formas creadas por y para los hombres. Su cultura, su educación y su conducta tienen que estar condicionados a los gustos masculinos." (15) Esta mulher (mãe) dos textos é o protótipo da "mulher-objeto".

"O PANGARÉ

Maria Clara Machado

... Um dia, o pai de Vicente disse para a mãe do menino:

—Mulher, precisamos vender este cavalo!

A mãe levou um susto.

—Vender, por quê?

—Este pangaré não serve mais para nada. Já vendi a carroça. Este cavalo só serve para comer mais dinheiro. Se for vendido, posso apurar uns cobres e comprar umas galinhas para começar uma criação.

—E o menino? - disse a mãe.

—O menino esquece. Arranja outro brinquedo.

—Esquece não - respondeu a mãe - Ele só pensa nisto.

O pai já estava meio zangado, pegou o chapéu, pu-

xou o pangaré e disse:

—Está ficando doido; melhor é levar o cavalo logo. Vou à cidade vendê-lo. Para o menino trago um brinquedo.

A mulher estava tão aflita que resolveu ver se ainda convencia o pai a não vender o cavalo. Então ela disse a ele:

—Por que você não vende a vaquinha?

—A vaquinha dá leite.

—Mas o cavalo dá alegria ao menino

—Mas não dá dinheiro. O menino se acostuma. Você fica aí com pena do menino e não tem pena de mim. Quem é que vai arranjar dinheiro para o menino comer. heim?

A mulher não disse mais nada. Ela sabia que o marido só tinha tempo para pensar nestas coisas de arranjar dinheiro para comer. Deixou que ele fosse embora vender o cavalo."

(João de Barro, 4a. série, p. 52-53)

A mãe é o membro da família mais citado nos textos (talvez por estar mais "presente" no lar e em contato mais direto com os filhos). É quem proporciona proteção, carinho e amor mais que qualquer outra pessoa dentro ou fora da família. É uma figura doméstica, símbolo religioso, capaz de qualquer sacrifício pelos filhos. É também consi-

derada a primeira professora porque transmite normas de conduta.

"Ela coloca o coração em tudo que faz; ela é abri-
go e segurança; ela é mulher e é santa. É Mãe."

(Pingos de Leitura, 4º ano, p.95)

A mãe é considerada um animal (no sentido da
do ao termo por Aristóteles) doméstico, porque se
ocupa das atividades do lar, cuida da casa e dos fi
lhos, o seu ambiente é interior, o mundo não é seu
lugar.

"O MENINO RICO E O POBREZINHO

Coelho Neto

... — Se tenho mãe! ... Como não?! Ela é que me
penteia os cabelos; ela é quem me conta histórias; ela
é que me cura, quando adoço; ela é que me conserta
a roupa e me adormece no colo, cantando, quando, nas
noites escuras, treme de medo ouvindo piar a coruja. Te
nho mãe, como não? Também não sou tão pobre assim."

(A Mágica do Saber, 4a. série, p.75)

Ela é abnegada, companheira de todas as ho-
ras, sacrificada, quase mártir. Não parece ser
uma pessoa de carne e osso, que convive cotidiana
mente com a criança, tem problemas, dificuldades,
alegrias, temores e dúvidas como todos os seres

humanos. Esta mulher apresentada nos textos é mais um mito (aqui entendido como a representação de um personagem real, exagerado pela imaginação popular, pela tradição, etc) que uma pessoa real, é a "melhor coisa" que existe no mundo, dada por Deus.

"A MELHOR COISA

Maria Eugênia Celso

Qual a melhor, ó criança,
das coisas todas que vês?
O mar que nunca se cansa?
A flor que o vento balança?
O ninho que a rola fez?

O brinquedo com que brincas?
A bala doce que trincas?
O peralta do teu cão?
O livro que histórias conta
ou a lua que desponta
lá no céu, como lampião? ...

O sol, que da terra ao fundo
torna o grãozinho fecundo
melhor que tudo será?
Desde o sábio mais profundo
ao mais pobre vagabundo,

nada é melhor neste mundo

que a Mamãe que Deus nos dá! "

(A Mágica do Saber, 3a. série, p.21)

Esta falta de concordância entre a mãe-mito e a mãe realidade (aquela que convive diariamente com a criança que lê os textos) pode ter consequências imprevisíveis no desenvolvimento emocional da criança, pois os poemas e as composições literárias que aparecem nos livros que ela utiliza diariamente e cujas imagens vai internalizando, acentuam o desnível entre o mito e a realidade.

A mãe é idealizada e mitificada de modo tão exacerbado que acaba por se tornar também um símbolo religioso. Enfatiza-se a noção de sacrifício e sofrimento. A noção de sofrimento está ligada à de bondade, só é bom quem é capaz de sofrer e se sacrificar pelos outros. Só é mãe aquela que se sacrifica, não se concebe uma mãe que só se alegre com seus filhos. Esta função de sofredora lhe confere uma auréola de santidade e gera a imagem do filho devedor.

"O MENINO DOENTE

Manuel Mandeira

O menino dorme.

Para que o menino

Durma sossegado,
Sentada a seu lado
A mãezinha canta:
— Dodói, vai-te embora!
"Deixa o meu filhinho.
"Dorme ... dorme ... meu ..."
Morta de fadiga,
Ela adormeceu.
Então no ombro dela,
Um vulto de santa,
Na mesma cantiga,
Na mesma voz dela,
Se debruça e canta:
"Dorme, meu amor.
"Dorme, meu benzinho ..."
E o menino dorme."

(Pingos de Leitura, 3a. série, p.72-73)

Além de ser uma figura responsável pelas atividades domésticas, pelo cuidado dos filhos, dona de total desprendimento, capaz de sofrimentos e sacrifícios, existe uma outra função muito especial cumprida pela mãe: a de mediadora entre a "segurança" do lar e a "hostilidade" do mundo. Por tu do isto, a vida sem ela é quase que impossível, é "solidão" e "isolamento". É tal a supervalorização

da figura materna que ela se torna imprescindível, o que, conseqüentemente, se articula com a imagem do filho dependente e inseguro, incapaz de se movimentar sozinho, num mundo cheio de perigos.

"MÃE

Nazira Féres Abi-Sáber

... Mãe é repouso e sossego.

Quando a gente está cansada, ou triste,
ou desiludida, ou desanimada ela nos reconforta
cobrindo-nos com a sua sombra e o farfalhar
de suas folhas ...

Vida de filho sem mãe é solidão e
isolamento.

É saudade doída daquela árvore tão verde,
tão copada, tão fresca.

É vida sozinha
na floresta vazia! ..."

(Píngos de Leitura, 4a.série, p.84-85)

Como a mãe é a principal figura dentro do lar, acaba-se contrapondo a própria mãe ao mundo, ela é a mediadora entre a alegria e o sofrimento. Apesar de considerar o mundo hostil, em nenhum momento se esclarece as causas dessa consideração.

Seriam as dificuldades? As lutas entre os homens? Não se pode fazer nada para transformar este mundo? O que parece é que a hostilidade do mundo é algo irreversível. As crianças não se cogita de mostrar porque o mundo é adverso nem o que se poderia fazer para torná-lo menos prejudicial às pessoas. Não, a única solução dada a elas é que, mal esbarrem em algum problema, ou corram algum perigo, refugiem-se imediatamente na segurança reconfortadora do lar, pois lá estará a mãe para livrá-las de todos os males.

A figura da mãe é tão sacralizada que ao filho só resta venerá-la, colocando-a numa posição tão superior que a distância entre os dois tenderá a aumentar sempre, enfatizando a relação vertical a que já nos referimos.

Na base do relacionamento entre pais e filhos encontramos uma oposição a partir da qual essas relações se farão: autoridade/submissão. Os filhos devem aos pais "submissão", "obediência", "amor", como eles "devem", não o fazem por motu proprio, mas como dever.

A fundamentação do bom comportamento é dada pelo modelo representado pelos pais. A fundamentação da norma está na autoridade, não no sig-

nificado da norma.

"Dans les relations entre parents et enfants, les raisons du changement de comportement sont rarement données, ou le sont brièvement, ce qui empêche l'apparition d'une série de comportements, et, surtout, d'apprentissages; les conséquences sociales de ce mécanisme ne sont pas moins importantes que ses conséquences intellectuelles. En effet, dans la mesure où la justification donnée n'est autre que l'autorité personnelle de celui qui la donne, la contestation d'un énoncé catégorique induit immédiatement une autre construction typique: "Parce que je te le dis", "Parce que je suis ton père". En effet, contester l'énoncé, c'est mettre en question directement l'autorité ou la légitimité que est un attribut de la forme de la relation sociale, et donner à cette relation une forte coloration affective."
(16)

O comportamento é orientado em função de um conjunto de princípios e valores que produzem um sistema de recompensas e punições, mas como os pais são tipificados como seres bons e cheios de virtudes, incapazes de cometer qualquer ação que prejudique ou cause algum mal aos filhos, a elas só são atribuídas as recompensas, os castigos são imputados ao céu ou ao destino.

"O PEQUENO TRAVESSO

Artur Azevedo

Bem feito! Era Jorge um pequeno mau ...

Desde manhã esse menino andava

Pelo pomar atrás de um pica-pau

Ou de uma rola que ao azul passava.

A mãe ralhava-o com ternura e amor:

—Deixa, meu filho, em paz os passarinhos.

Por que mataste esta inocente flor?

E esses implumes pássaros nos ninhos?

Mas não tomava tento esse pequeno

De faces rechochudas e vermelhas.

Disse-lhe um dia um lírio alvo e sereno:

—Bem merecias um puxão de orelhas.

Um dia ele com outros companheiros

Partiram para a pesca; o sol nascia

E rutilava pelos castanheiros

Que uma neblina escassa ainda cobria ...

Um sabiá cantava ao longe ... Entanto

Um grito se ouve e ele - que não tem medo -

À praia volta, pálido de espanto,

Com um caranguejo pendurado ao dedo."

(Cenas Infantis, 4a. série, p. 46-47)

O bom comportamento consiste em seguir as normas impostas pelos pais, e seguir essas normas significa obedecer. A noção de obediência (submissão à vontade dos pais, cumprimento de ordens e normas) está intimamente ligada ao conceito de bondade. Aquele que é obediente é automaticamente bom. A bondade se justifica com a submissão às normas e em termos afetivos e não racionais. Assim, a criança deve ser obediente porque seus pais são bons e lhe dão tudo o que precisa, não porque estes têm mais experiência e capacidade de raciocí - nio para discernir melhor os fatos, ou porque, pelo fato dos filhos ainda serem crianças não são capazes de levar em conta todas as consequências de suas ações , etc.

Os outros membros da família - os irmãos - apenas citados vez por outra, não aparecem muito claramente. São pessoas que devem se ajudar, se amar e serem unidos para que a família possa cumprir as suas funções (já descritas anteriormente). As relações entre eles não são enfatizadas, isto porque se supervaloriza as relações pais-filhos, tornando-as as relações mais importantes, fundamentais e indispensáveis na vida da criança, criando tal dependência destas em relação aos pais, que são

incapazes de fazer qualquer coisa por sua inteira responsabilidade, à exceção de travessuras e mácriações. Assim, as relações horizontais, entre irmãos, são raras, totalmente sufocadas pela ênfase dada às relações verticais, entre pais e filhos.

Às vezes aparecem citados também as figuras de avós e tios, mas também não se define claramente nenhuma função em relação a eles.

"O JARDINEIRO HENRICÃO

Alina Paim

"... Sonhava a noite inteira com um gigante, desses homens de cinco metros das histórias de vovó Mariana ..."

(João de Barro, 3a. série, p. 82)

"POEMA

Guilherme de Almeida

A titia

borda e espia

o gato branco enroscado

no feltro verde da mesa

e acordado

com certeza."

(Estudo Dirigido de Português, 3a. série, p. 78)

Embora para algumas pessoas que aparecem no ambiente familiar não se defina funções, todos eles possuem "qualidades" bem precisas.

"O ÁLBUM

Vovô:

- alegre
- brincalhão
- bondoso

Vovó :

- esperta
- tranquila
- carinhosa

Papai:

- severo
- justo
- forte

Mamãe:

- bonita
- meiga
- vaidosa

Titio:

- leal
- valente
- trabalhador

Titia:

- paciente
- habilidosa
- simpática"

(Venha Conosco, 3º livro, p.62-63)

O texto acima corrobora o que já dissemos sobre a relação poder-sexo. Como podemos notar, todas as "qualidades" das figuras masculinas deno-tam força, autoridade e domínio, enquanto que as das mulheres ficam mais próximas da submissão e nenhuma dessas "qualidades" sequer se aproxima

da autoridade ou do poder atribuídos às das figuras masculinas.

Como os textos definem a família, suas funções, seus membros, a estrutura das relações familiares, postulam também um modelo de "filho". Este filho-modelo deve ser bom, obediente, educado, submisso à autoridade dos pais, deve amar à sua família, principalmente à mãe, dar ajuda e satisfação aos seus pais.

A autoridade dos pais e a submissão dos filhos está, desse modo, legitimada nos textos. Toda a vida da criança deve girar em torno dos pais, pois ela é incapaz de viver sem a ajuda e proteção deles. Essa relação de dependência (emocional, afetiva, econômica) criará barreiras ao seu completo desenvolvimento, pois esta situação deverá continuar na escola, em relação ao professor, no trabalho, em relação ao patrão. São atitudes, tomadas pelos adultos, que incentivam o conformismo, a submissão e o individualismo, impedindo o desenvolvimento da capacidade crítica e da criatividade.

4. A ESCOLA

A escola prepara a criança para adaptar-se à sociedade, para saber conduzir-se nela. Esta escola de que vamos falar é uma escola específica, a que é apresentada pelos textos, e o mundo para o qual ela "prepara" a criança é também o mundo mostrado pelos textos: um mundo "perigoso", "mau", "hostil", onde está sempre presente a noção de sacrifício.

É através da definição de suas funções, de sua valorização, da definição das características e atributos dos membros que nela atuam e da relação entre eles, que os textos nos dão a visão do que seja a escola.

A escola é descrita como a continuação do lar, a segunda casa, e, como ela, um refúgio, local em que se prepara a criança para a vida. É um lugar específico da sociedade. É a instituição que visa transformar um grupo atento de pessoas, reunidas em lugar e à hora marcada, de uma condição de ignorância a uma condição de esclarecimento de seu intelecto, de sua moralidade e de seu conhecimento e habilidades técnicas. Ela se encarrega da educação formal, sistemática, pois possui organização, programas, horários, conteúdos específicos, normas, regras e agentes especializados.

É a escola que dá regras para enfrentar o mundo. É preciso passar pela escola para se tornar um profissional e é ela que dá meios para se ascender socialmente. Os textos, assim, supervalorizam a escola, de tal modo que a pessoa que não a frequenta, é considerada "ignorante", "pobre" (pobreza vista como fracasso ou não entrada no processo) e incapaz de "vencer" na vida. A escola "ensina" o indivíduo a adaptar-se ao mundo de acordo com as regras prescritas pela sociedade em que ela vive.

Mas, para se triunfar na escola, há que cumprir normas e prescrições impostas por ela. Aqui encontramos a oposição recompensa/castigo. Os que seguem as "regras do jogo" são recompensados, aqueles que ousam infringi-las são castigados.

Apesar de afirmar reiteradamente que a escola é imprescindível para todas as pessoas, condição sine qua non para enfrentar o mundo perigoso, os textos deixam perceber que não se necessita somente de força de vontade, obediência, cumprimento de deveres e normas para triunfar nesta escola, é preciso que se vá para ela com uma bagagem determinada, que a escola não pode dar, e que neles aparece sob a forma de dom (qualidade natural, ina

ta.; dádiva divina). Desse modo, definem um desses dons que é fundamental na escola: a inteligência:

"INTELIGÊNCIA

Na escola não se aprende,
 Não se ganha, não se dá,
 Não se compra, não se vende.
 Qualidade igual não há.

É força, é dom. De onde vem?
 E quem o recebe há de
 Empregá-lo para o bem
 Na justiça e na verdade."

(Venha Conosco, 4º livro, p.29)

Assim, divisamos uma outra função da escola, a função dissimuladora: "Instrumento privilegiado da sociodicéia burguesa que confere aos privilegiados o privilégio supremo de não aparecer como privilegiados, ela consegue tanto mais facilmente convencer os deserdados que eles devem o seu destino escolar e social à sua ausência de dons ou de méritos, quanto em matéria de cultura a absoluta privação de posse exclui a consciência da privação de posse." (17)

Como o discurso ideológico não é linear, ele

apresenta contradições, aqui encontramos uma: ao mesmo tempo que se fala em dom, se louva a escola como capaz de oferecer ao indivíduo tudo que ele necessita para enfrentar o mundo.

A escola transmite conteúdos informativos - conhecimentos, e normativos - regras de conduta, privilegia, no entanto, os primeiros, é, principalmente, transmissora de saber.

4.1 Os Membros da Escola e suas Relações

As principais figuras da escola são - o professor (*) e o aluno, nenhum outro elemento é citado, pessoal administrativo, serventes, outros funcionários, não aparecem. A escola "vive" e "funciona" apenas com aqueles dois elementos, e a função de cada um e sua conduta são explicadas de acordo com a visão que os textos nos dão acerca da escola e, por sua vez, ajudam a tornar mais clara essa visão.

(*)

Os textos falam no professor e na professora (esta é mais citada, mas como as funções, os atributos e a conduta são os mesmos para os dois casos, usamos a palavra professor para nos referirmos a ambos. As únicas diferenças registradas são quanto à descrição dos dotes físicos (os da professora, como os da mãe, são citados, os do professor, não) e as analogias com os membros da família: o professor é pai; a professora é mãe (ou irmã, como aparece em um dos textos).

A sociedade fia-se nos seus membros mais velhos para passar adiante as partes mais valiosas de sua herança, adicionando uma dose considerável de compulsão a essa transmissão. Para a criança, é menos importante "entender" as regras do que absorvê-las; o que interessa é que as obedeça, que aprenda os hábitos e costumes e que se familiarize com seu próprio papel (padrão de comportamento esperado ou exigido) e status (posição socialmente identificável) e com os de seus semelhantes. A "conduta apropriada" é transmitida pelos que possuem poder e autoridade e quem detém esse poder e essa autoridade na escola é o professor. Mas o status de professor possui certas exigências de elegibilidade que implicam deveres e obrigações explícitos, ao mesmo tempo que garante certos privilégios.

O professor é um missionário que tem como função transmitir conhecimentos e normas aos alunos. É uma pessoa "carinhosa", "cuidadosa", "dediicada", "boa", "sacrificada".

"A PROFESSORA

Vicente Guimarães

Como uma fada boa e carinhosa

Que para o bem os afilhados guia,

A professora amiga e cuidadosa

As lições nos transmite com alegria.

Se, às vezes usa um pouco de energia

Mostra-se-lhe a missão mais espinhosa,

Pois de seu coração só se irradia

O amor que a torna meiga e venturosa.

Reconhecendo a grande benfeitora

Que sempre foi, na escola, a professora,

A mestra dedicada e tão querida,

Lembrei-me de fazer neste momento,

Nesta sala, solene juramento

De jamais a esquecer em minha vida."

(A Mágica do Saber, 4a. série, p. 58)

Sua atividade é encarada como uma missão e não como uma profissão. Ele está no magistério não porque precise trabalhar para sobreviver, mas porque tem que cumprir um dever moral. Assim como os pais, exemplifica a bondade, a virtude e a norma que o aluno deve seguir. É considerado, por isso, o segundo pai (mãe), os alunos são seus filhos e, juntos, formam uma segunda família.

" O NOSSO PROFESSOR

Edmundo de Amicis

... Quando se acabou o ditado, fez um pequeno silêncio. E o professor, devagar, com a sua voz grossa, falou:

—Atendam. Nós temos que passar juntos um ano. Estudem. Sejam bons. Sejam a minha família, que eu já não tenho. Tinha mãe e morreu. Fiquei só. Os meus discípulos são os meus filhos. Quero-os amigos; não quero castigar nenhum.

... Havia silêncio e, trêmulo, o aluno que tinha desrespeitado o mestre chegou-se e murmurou:

—Sr. mestre, eu venho pedir perdão!

E, cheio de ternura, paternalmente, o mestre beijou-o na testa, dizendo:

—Vá, vá, meu filho!"

(Cenas Infantis, 4º ano, p.41)

O professor é também uma figura idealizada, portador apenas de qualidades, nenhum defeito lhe é atribuído, é incapaz de cometer qualquer deslize, mesmo o castigo que é institucionalizado pela escola, torna-se difícil para o professor, que consegue meios bastante suaves para aplicá-lo. Este personagem endeusado torna-se, para o aluno, superior e inalcançável, aumentando cada vez mais

a distância entre eles e, certamente, dificultando o relacionamento. Esta situação dá, também, origem a um sentimento de culpa, vergonha e arrependimento na criança, por qualquer deslize que cometa em relação ao mestre.

"MINHA PROFESSORA

Viriato Corrêa

Dona Neném, a professora de minha classe, foi quem primeiro me entrou no coração.

... Eu nunca tinha visto moça mais linda. E tão forte impressão ela me causava com a sua beleza, que eu tirava constantemente os olhos dos livros para ficar minutos esquecidos a olhá-la.

Ela, porém, me advertia:

— Não se distraia, menino, cuide da sua liçãozinha.

Era uma criatura doce, delicada, suavíssima. Assim, miudinha, misturada ali conosco, podia-se pensar que fosse nossa irmã mais velha. Fazia-se respeitar porque fazia-se estimar.

Não ralhava nunca. Apenas nos olhava com aqueles olhos grandes e serenos. Bastava aquilo para que nos sentíssemos arrependidos e envergonhados.

Mas, quando a falta era grande, além do olhar, e la nos contava uma história. Quase sempre uma fábula ou um apólogo com um fundo moral que mostrava o er-

ro cometido."

(O Tira-Teima, 4º livro, p. 34)

Parece haver aqui uma certa competição com a mãe; ora ela, ora a professora é a mais bonita, mais querida, etc. Notamos uma área confusa, onde se encontram a professora e a mãe, localizada entre o lar (lugar da mãe) e o mundo (onde ela, professora, se encontra como membro da escola), o interior e o exterior; uma região em que há como que uma superposição dos dois extremos (lar-mundo) e onde a professora e a mãe atuam servindo de mediadoras.

Os professores, como os pais, não são seres comuns, normais, como aqueles que encontramos no dia-a-dia, mas pessoas perfeitas às quais não se deve causar o menor aborrecimento. São intocáveis.

"Qualquer sistema educacional é acompanhado por um conjunto de metas que definem o cidadão ideal, da sociedade em que atua. A definição envolve afirmações acerca das relações entre o cidadão e sua sociedade e as suas principais instituições: a economia, o estado, a igreja e a família.

Qualquer sistema educacional procura produzir este tipo ou estes tipos de cidadãos. Consequente

temente, qualquer sistema educacional se esforça por inculcar nos educandos a aceitação de relações especificadas entre a sociedade e suas subdivisões e instituições significativas." (18')

Os textos preconizam um tipo de aluno ideal: obediente, respeitador, estudioso, bem comportado e cumpridor das normas ditadas pelo professor. A criança é educada fundamentalmente para obedecer. É repreendida por qualquer atitude de rebeldia ou desobediência. Deve ser, antes de mais nada, respeitadora. Deve tomar como exemplos seus pais e professores e viver na submissa aceitação de ordens e regulamentos.

"UM ENCONTRO, UMA RECORDAÇÃO

Maluh de Ouro Preto

... Falou entusiasmada sobre a professora que era um amor, e as colegas, camaradíssimas, todas suas amigas. Confiou-me sua resolução de estudar muito, de fazer os deveres direitinho, de portar-se muito bem e tirar boas notas."

(O Tira-Teima, 4º livro, p. 36)

A relação entre professor e aluno é também vertical, o professor dá conhecimentos e normas e o aluno recebe, não se dialoga nem se questiona

aquilo que é transmitido. Esta narração de conteúdos que implica num sujeito - o professor-narrador - e em objetos pacientes, ouvintes - os alunos, consiste naquilo que Paulo Freire chama de "concepção bancária da educação" que tem no educador "seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade, desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante." (19)

Este tipo de educação dificulta o pensar autêntico, ao atribuir um papel primordial à preservação e perpetuação dos elementos tradicionais da cultura (aqueles que vêm sendo transmitidos através de várias gerações), não consegue admitir que a orientação cognitiva e crítica face ao mundo seja a mais importante.

As relações professor-aluno estão baseadas na autoridade de um e na submissão do outro. O professor é o poder e a autoridade máxima dentro da escola e esse autoritarismo é justificado nos textos. A atitude crítica é substituída pelo recur-

so da autoridade, a atitude do professor, em nenhum momento deve ser questionada, mas simplesmente aceita pelo aluno. É dessa maneira que a escola prepara a criança para enfrentar o "mundo perigoso", proporcionando uma socialização para uma adaptação acrítica à sociedade. Ela não precisa pensar criticamente, pois sua função não é tentar transformar o mundo, questioná-lo, mas apenas aceitar o que lhe é imposto, primeiro na família, depois na escola, no trabalho e nas demais situações de sua vida. É a escola incentivando o mutismo, o ajustamento, a acomodação e a submissão.

Como na família, onde a relação pai-filho é mais valorizada, na escola o relevo dado é à relação professor - aluno; a relação entre alunos - colegas - nem ao menos é ventilada, apenas de passagem, se fala na existência deles.

"O PRIMEIRO DIA DE AULA

Edmundo de Amicis

... Às dez horas achavamo-nos todos na aula: cinquenta e quatro; apenas quinze ou dezesseis dos meus companheiros do ano passado ..."

(Português Moderno, 3a. série ,
p.12)

A solidariedade entre colegas não aparece .

Não se necessita do companheiro, só do professor e se faz de tudo para agradá-lo. O amor por ele pode levar um aluno a cometer um "furtinho" ou um colega a delatar o outro.

"UMA FLOR PARA A PROFESSORA

José Mauro de Vasconcelos

... — Godofredo me contou uma coisa muito feia de você, Zezé. É verdade?

Balancei a cabeça afirmativamente.

— Da flor? É, sim, senhora.

— Como é que você faz?

— Levanto mais cedo e passo no jardim da casa do Serginho. Quando o portão está só encostado, eu entro depressa e roubo uma flor. Mas lá tem tantas que nem faz falta.

— Sim, mas isso não é direito. Você não deve fazer mais isso. Isso não é roubo, mas é um "furtinho".

— Não é não, Dona Cecília. O mundo não é de Deus? Tudo que tem no mundo não é de Deus? Então as flores são de Deus também ...

Ela ficou espantada com a minha lógica.

— Só assim eu podia, professora. Lá em casa não tem jardim. Flor custa dinheiro ... E eu não queria que a mesa da senhora ficasse sempre de copo vazio.

Ela engoliu em seco."

(Português Moderno, 4a. série, p. 9)

Esta falta de solidariedade é gerada, entre outras coisas, pelo incentivo ao individualismo e à competição. O aluno tem que "brilhar" sozinho para agradar ao professor e como o que determina esse "brilho" é a nota, a importância que se dá a ela também é mostrada nos textos.

"O ÍNDIO LOURO

Odette de Barros Mott

... — Qual nada ! replicou papai, enquanto examinava as flechas, experimentando-as. — Que pontas afiadas, hein Marco? Você poderá levar tudo isso para a aula de História.

— Ótima idéia, papai ! Vou levar tudo para o professor de História e ele, naturalmente, me dará nota dez. "

(João de Barro, 3a. série, p. 37)

Há um culto ao individualismo, pois o sucesso depende do exclusivo esforço pessoal. Cada aluno deve procurar ser melhor que o colega para alcançar melhores notas e deixar satisfeito o professor.

Estabelece-se um modelo de aluno que a escola deve formar: estudioso, respeitador, bom, submisso, ordeiro. Este padrão não leva em conta as diferenças individuais nem as situações específicas -

cas dos alunos: situação econômica e cultural da família, meio social em que vive, dificuldades que possa ter em relação aos estudos, etc, condições que, como vários estudos já provaram, exercem influência decisiva no desempenho do aluno na escola.

A escola mostrada nos textos tem como objetivo fazer aceitar a autoridade, valorizar a ordem, o respeito, a competição e o individualismo, preservar velhos valores e velhas informações. Para essa escola, o brilhantismo na imitação é preferido aos tropeços da inovação.

Assim, a escola "prepara" o aluno para se "defender" na vida, para "enfrentar" o mundo hostil, mas não para transformar o seu meio ou a sua própria vida.

5. A PÁTRIA

"MINHA TERRA

Corrêa Júnior

É linda a minha terra:

feitiços de garoa pela serra,
largos lastros de sol por sobre o chão
campos verdes, florestas estupendas,
rios, montanhas, cafezais, fazendas,
e o sorriso de Deus pela amplidão ...

É grande a minha terra

Grande, pelos tesouros que ela encerra ;
pelo seu coração puro e leal:
pela fé que palpita no seu povo
pelo seu sangue heróico, ardente e novo,
pela sua nobreza sem rival.

Minha terra gloriosa,

vasta e bela, risonha e luminosa,

é o berço de uma raça varonil.

Graça e orgulho da terra americana,

reino de paz e da bondade humana !

Minha terra é o Brasil."

(Aprender é Festa, 3a. série, p. 45)

A transcrição acima nos dá idéia da noção de pátria que os textos procuram transmitir e, através de sua leitura, conseguimos elementos para u-

ma caracterização ideológica do Brasil.

A pátria (*) é definida geograficamente, pela natureza, por um número variado de pessoas e pela história.

Notamos, neste modo de definir, três dimensões distintas que nos darão a imagem do país veiculada pelos textos: a natureza, o homem e a história, que constituem, respectivamente, as bases geográfica, humana e temporal.

5.1 A Natureza

A natureza, por definição, é bela, rica e pródiga, fala-se dela de modo generalizado, procurando mostrar suas características ideais.

"POMERODE

(Fragmento - da Manchete)

Em seus montes verde-azuis, a aurora e o crepúsculo reinventam a beleza todos os dias. Junto aos vales, a vegetação é de uma riqueza espantosa. Junto aos planaltos, corregoziños ralos, mas perenes, juntam-se a ribeirões de muito peixe bom, que vão cumprir seu destino adiante - cair no mar."

(O Mascote, 4º livro, p.42)

(*)

Usa-se com o mesmo sentido as palavras país e nação.

Os textos atribuem grande importância à geografia enquanto geografia física do Brasil. Procuram descrever os acidentes geográficos que fazem prevalecer a glória da natureza pátria.

"O AMAZONAS

Afonso Celso

Uma das maravilhas da natureza, o maior rio do mundo ! (sic)

Nem todo ele pertence ao Brasil, mas a parte brasileira é, se não a mais extensa, a mais importante , curiosa e rica.

Quem quiser conhecer o Amazonas tem de vir ao Brasil.

No Brasil, o mar doce, como lhe chamaram os primeiros exploradores, atira-se ao Atlântico, rolando rapidamente para este, tal quantidade de água que, quem voga no imenso estuário da embocadura (sic), pergunta (diz o escritor) se o oceano não deve a sua existência a esse rio e se não passa de um receptáculo do líquido trazido por ele sem cessar.

... Sempre largo e navegável, com enchentes e vazantes, uma espécie de maré, assemelha-se ao mar em muitos lugares.

Nas cheias desaparecem quase todas as ilhas que o povoam, inundando-se os terrenos marginais. Não se

lhe pode então fixar limites. Torna-se verdadeiro mar interior, de profundidade extraordinária."

(Pingos de Leitura, 4º ano, p.26-27)

No texto acima, temos um exemplo dos exageros cometidos no afã de decantar a natureza do país: suposição de que o Oceano Atlântico deva a sua existência ao Rio Amazonas, afirmação de que é o maior rio do mundo, que a sua parte brasileira é mais importante e rica, etc.

A natureza assim descrita ~~a~~parece desligada dos homens que a trabalham e a transformam. A natureza é "dom" de Deus. Basta recorrer às dádivas da natureza para se obter meios de subsistência e vida feliz. Os recursos naturais são tão pródigos que basta o trabalho extrativo do homem para assegurar o progresso, a riqueza e o bem estar.

"FARTURA BRASILEIRA

J.Marius

... A avalanche da clorofila atestava soberbamente a uberidade (sic) do solo.

Na encosta, em meio ao milharal de espigas gordas embonecadas de cabeleira louro-castanha, fumegava calmo e pacífico um ranchinho de sapé.

Bem cedo a família do caboclo, na calma satisfeiti

ta, saboreava a sua canequinha de café.

Lá fora o calor reverberava, na ânsia da evaporação. (sic)

E quando, carregadas as nuvens, viessem depois as chuvas distribuir em toda a vasta mataria, montes e valados, a água fertilizante, de novo a seiva se mudaria em colheita abundante, na verde folhagem, na ânsia incontida dos brotos, das folhas, das flores, dos frutos, a continuar soberba e esplendente fartura brasileira."

(Pingos de Leitura, 4º ano, p. 50)

A natureza foi tão privilegiada por Deus que, mesmo as regiões em que se reconhece problemas não são consideradas "desprotegidas da natureza" pois a elas foi concedida alguma dádiva especial. Portanto, não existem regiões mais ou menos ricas, com mais ou menos problemas, todas são igualmente privilegiadas pela mãe-natureza.

" A CARNAÚBA

Pe. Dr. Orlando Chaves

A carnaúba é o vegetal mais útil e interessante do Brasil. Nativa da região Nordeste (Estados de Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba), frequentemente assolada pelas secas, a tudo resiste com galhardia ... É chamada a árvore da vida, pois ela sozinha pode suprir

as necessidades de uma nação inteira ...

Seremos ainda capazes de julgar, como talvez tenhamos julgado, desprotegidos da natureza, os Estados do Norte, que, embora assolados pela seca, possuem o monopólio de uma planta tão útil e importante?

Confessemos, mais uma vez, a sapiência e providência incomparável do Criador, que a nenhuma de suas criaturas deixa sem meios de subsistência e felicidade."

(Cenas Infantis, 4º ano, p.140-141-142)

O que notamos é uma tentativa de nivelar todas as regiões do país, a despeito das diferenças existentes entre elas, sem levar em conta as suas condições reais de existência.

Assim, o que se procura mostrar à criança, a quem se dirigem esses textos, é a imagem de um país sem problemas, cuja natureza, por ser tão pródiga, é capaz de, por si só, suprir todas as necessidades das pessoas que nele vivem.

5.2 O Homem

A base humana da pátria é descrita como sendo um aglomerado de indivíduos. Não se fala na divisão desses indivíduos em classes.

Os homens são mostrados, levando em conta a

"raça" (conjunto de indivíduos com origem étnica, linguística e social comum), situação geográfica e atividades que realizam. Apresentando uma descrição funcional das pessoas, os textos "passam" idéias pouco precisas e conteúdos culturais vagos, sobre o que são e o que representam essas pessoas.

Os textos discorrem sobre "índios", "negros" e tipos caracterizados pelo local em que vivem e pelas atividades que exercem (gaúcho, jangadeiro, etc).

"O gaúcho ama o pampa

o índio, a selva;

O jangadeiro enfrenta o mistério do mar; o

sertanejo, o mistério da mata ... "

(Pingos de Leitura, 4º ano, p. 54)

O curioso é que em nenhum momento se fala no "branco", é como se fosse tão óbvia a sua "presença", o seu "domínio", a sua "superioridade", que não há a necessidade de falar dele, mas todas as ilustrações dos textos mostram pessoas brancas.

Os que precisam ser caracterizados são as "figuras estranhas", as duas raças (índia e negra) que, por força das circunstâncias viveram no país e não podem ser simplesmente esquecidas, pois a

sua existência foi registrada pela História. Então, os textos falam nessas figuras. Mas, de que maneira elas são descritas ?

O índio é apresentado como pertencente a uma raça que vivia no Brasil na época do descobrimento, falava uma língua "estranha", vivia em tribos, não trabalhava a terra, só caçava e pescava. Considerado "selvagem", por ter sido incapaz de "viver" como o branco, de aceitar suas "normas", sua "civilização", indolente porque não se submeteu ao trabalho escravo que lhe quis impingir o branco e "ignorante" por acreditar em espíritos e não em um só Deus como preconiza a religião do branco. Como podemos notar, o branco é o paradigma, o modelo de comparação. O nosso grifo nos verbos foi para acusar o fato de que, nos textos, o índio é referido sempre no passado, é como se ele não mais existisse.

"O VALOR REAL

Na grande sala do museu histórico alinham-se objetos variados e que despertam vivo interesse nos visitantes. Aqui estão cestas caprichosamente trançadas, flechas, zarabatanas, machados de pedra e pontas de lança confeccionadas com ossos. Acolá, enfileiram-se vasilhames de cerâmica, com seus originais e artísti -

cos desenhos; cocares que encantam pela disposição das penas multicores, redes, esteiras, máscaras, urnas funerárias e tantos outros objetos. Quanta coisa interessante ! De onde teriam vindo? Quem as teria fabricado?

Ainda que isso nos possa parecer incrível (*sic*), foram fabricados pelos nossos indígenas e constituem prova evidente de sua habilidade e de sua operosidade. Não eram indolentes, como injustamente costumam ser chamados.

A vida simples e primitiva dos primeiros habitantes de nosso país já era, por si só, muito trabalhosa e cheia de perigos. Ocupavam-se da pesca e da caça como meio de sobrevivência e não como simples passatempo. O trato da terra com seus parques e rudimentares instrumentos agrícolas, requeria tempo e trabalho, o mesmo podendo-se afirmar com relação aos preparativos para as constantes lutas em que se empenhavam.

É certo que muitos deles, trazidos para as cidades recém-formadas e fazendas de então, não se adaptaram à vida diferente dos brancos e deixavam-se dominar pela saudade de sua gente e de sua vida livre ...

Não eram, pois, ociosos. Antes: todos os que chegaram a conviver com eles, admiravam-lhes a lealdade, a inteligência, a afabilidade e a hospitalidade."

Em relação ao texto acima, perguntamos: por que haveria de parecer incrível que os índios fabricassem objetos interessantes, dignos de estarem em um museu? Por que a necessidade de afirmar que os índios não eram indolentes? Quem costuma chamá-los assim? Por que justificar que a caça e a pesca eram meios de sobrevivência? Por que as "qualidades" atribuídas a eles (como compensação?) no final do texto não "justificam" os "defeitos" mostrados anteriormente? E, finalmente, por que o texto se refere ao índio somente no passado?

Um aspecto sempre presente nos textos que falam do índio é que eles estabelecem uma confusão entre cultura (complexo dos padrões de comportamento, crenças, instituições e outros valores espirituais e materiais característicos de uma sociedade) e tecnologia (técnica). Reduzem a cultura indígena à fabricação de objetos, a atividades que presumidamente não envolvem pensamento.

A impressão que fica, da leitura dos textos, é que se quer "apagar" a figura do índio do contexto histórico-social atual. Apagar por causa do evolucionismo, da mutação progressiva das espécies; e, o índio, no caso, seria uma espécie que já sofreu mutações e já evoluiu.

A situação do negro é semelhante a do índio: é citado no passado, como se não existissem negros no Brasil de hoje; é a figura do negro escravo, da "preta velha" "contadeira de estórias" (exemplo típico do paternalismo do branco) ou determinado negro que, apesar de negro, conseguiu se destacar em algum setor da vida nacional e se tornar conhecido, como Machado de Assis e José do Patrocínio (os mais citados).

"A HISTÓRIA DE CHICO REI

Esta é, talvez, a história mais comovente do ciclo da mineração. Evoca a figura de um homem que, tendo sido rei, torna-se escravo. Embora reduzido a miserável situação do cativo, não perde a dignidade de ser humano.

Nas minas de Vila Rica (Ouro Preto), Chico Rei e seu povo foram reduzidos a meras peças de trabalho, sendo-lhes negados os mais ínfimos direitos ...

Muitos anos tinham então se passado e Chico Rei transformara-se quase em lenda. Era o líder natural de centenas de miseráveis criaturas: escravos forros, crioulos e mulatos. Quiseram então coroá-lo e restabelecer aqui o Reinado do Congo. Dizem alguns autores que o Governador de Minas, Gomes Freire de Andrade, não via, a princípio, com bons olhos aquele movimento. En

tretanto, ao conhecer melhor Chico Rei, percebeu que não se tratava de nenhum inimigo e até se tornou seu admirador.

E Chico Rei foi coroado com grande pompa. Não perdeu, entretanto, a humildade. No dia seguinte, às festas de coroa^{ção}, recomeça o trabalho estafante das minas, tal como sempre o fizera. Dava assim um exemplo de que o trabalho, seja qual for, não desonra ninguém. Era um verdadeiro Rei. Não queria se aproveitar das regalias e das vantagens de sua posição."

(Leitura na Escola Moderna, 4º livro, p. 91).

O negro dos textos é escravo e é humilde, por que foi trazido para o Brasil para trabalhar como escravo, mesmo tendo sido Rei no lugar de onde veio, "incorporou" a atitude de humildade própria do escravo porque está numa situação de inferioridade. Assim, mesmo deixando de sê-lo, continua humilde, porque é assim que o negro deve ser, "inferior" e "humilde".

A outra figura negra que os textos mostram é a "vovó contadeira de estórias" e que tem "prestígio" junto às crianças, mas "um ser à parte", "sobrenatural". Também descrita como se não mais existisse.

"A CONTADEIRA DE ESTÓRIAS

Viriato Correa

Vovó Candinha é outra figura que nunca se apagou de minha recordação.

Não havia, realmente, mulher que tivesse maior prestígio para as crianças de minha idade. Para nós, e ra um ser à parte, quase sobrenatural, que se não confundia com as outras criaturas. E que ninguém no mundo contava melhor estórias de fadas do que ela.

Devia ter seus setenta anos: rija, gorda, preta , bem preta e cabeça branca como algodão em pasta ..."

(Português Moderno, 3a. série, p.43)

Mesmo em relação aos personagens negros que conseguiram notoriedade se descreve as atitudes em que estão em situação de inferioridade e humildade.

"E quando o estridor da rua se vai apagando, no salão uma voz se alteia, num brado que a todos surpreende:

—Meu Deus ! Meu Deus !

É José do Patrocínio que vai entrando, olhos em fogo, gritos arrebatados, clamando:

—Méu Deus ! Meu Deus ! Já não há escravos em nossa terra ! ...

Parece até um louco - louco de alegria, louco de

entusiasmo e comoção !

E cravando os olhos na Princesa, corre para ela impetuosamente, e a seus pés se ajoelha, grossas lágrimas a lhe afogarem os olhos, fortes soluços a sacudirem-lhe o peito:

—Redentora ! Redentora ! em nome da minha raça, eu vos agradeço, eu vos agradeço !

E cai aos pés da Princesa Isabel, beijando-os religiosamente.

(Viriato Correia-História da Liberdade do Brasil)"

(A Mágica do Saber, 4a. série, p.71)

O que parece é que entre branco e negro sempre houve uma relação de dominação que talvez esteja ligada ao trabalho (negro-escravo) e, quando o branco lhe concedeu a dádiva da libertação, acabou imediatamente a injustiça, as consciências se tranquilizaram e não se precisou mais tocar no problema negro. Como diz José Honório Rodrigues : "Não se fala nos vencidos porque a história é escrita pelos vencedores. E no Brasil, especialmente, por mãos brancas. Há muitos estudos sobre negros, mas poucos do negro incorporado à nossa história."⁽²⁰⁾

Talvez se mencione o índio e o negro, no passado e, respectivamente, como "escravo" e selva-

gem, para conservar o mito da superioridade do branco que detém o poder por direito de conquista.

5.3 A História

Os textos que se referem à História são uma exposição de fatos isolados e de heróis. Mera exposição de ocorrências isoladas nas quais é impossível perceber vinculação com a conjuntura em que se deram, relação com a estrutura anterior e muito menos com a realidade atual. O que parece é que a História é fruto do acaso ou da vontade de uma pessoa e não o resultado de leis universais que podem ser cientificamente estudadas. É como se todos os problemas se resolvessem com um único ato.

"Na sala dos despachos, diante de uma artística mesa antiga, a princesa acabava de ler o decreto apresentado pelo Ministro João Alfredo, e, com mão firme, assinara-o.

Uma salva prolongadíssima de palmas estralou no salão. A princesa, emocionada, chorava.

... Joaquim Nabuco, correndo à varanda do Paço, disse para o povo, cheio de júbilo, o artigo único do sublime decreto:

— "Fica extinta a escravidão no Brasil."

As algemas dos cativos caíam por terra em toda
imensidade de nossa pátria.

Era 13 de maio de 1888."

(Pingos de Leitura, 4º ano, p 121-122)

É uma história recoberta de heróis, há um prvilégio na apresentação dos "grandes personagens," cuja vontade individual parece mais forte do que as condições objetivas que enfrentavam. Desse modo, os fatos não aparecem ligados às situações que os produziram. Vemos desfilar à frente de nossos olhos uma série de heróis: Duque de Caxias, Tira-dentes, Santos Dumont, Princesa Isabel e muitos outros e, da maneira como são descritos, não parecem de "carne e osso".

"ANTÔNIO RAPOSO

Há criaturas que dão à gente a impressão de que não são feitas de carne e osso como nós, mas sim de ferro, de bronze, ou de aço.

Antônio Raposo era uma dessas criaturas. Homem espantoso ! ..."

Leitura na Escola Moderna, 4º livro,
p.85)

Desse modo o herói é supervalorizado, os fatos históricos são explicados em função dele, herói (pessoa supervalorizada por seus feitos guerreiros)

ros ou por seu valor). É uma história de indiví -
 duos e não de um povo, do seu trabalho, lutas coti -
 dianas, conflitos de poder, necessidades de subsis -
 tência e sacrifícios para desenvolver-se. Há as -
 sim uma distorção da história, pois são privilegia -
 dos uns fatos em detrimento de outros, e os privi -
 legiados são aqueles em que aparecem heróis. Por
 isso os textos exortam a criança a amar esses he -
 róis:

"O BRASIL ESTÁ À TUA ESPERA

Lúcia Monteiro Casassanta

... Ama os nossos heróis, conhecidos ou desco -
 nhecidos (sic), ilustres ou obscuros, que construíram o
 Brasil.

... Estudando-os, colherás as mais belas lições
 de nobreza, de coragem e de sacrifício e convencer-te-
 -ás de que só não se ufanam do Brasil os que o não co -
 nhecem.

Construir uma civilização na região tropical é u -
 ma tarefa quase sobre-humana e a humanidade que o fez
 tem dimensões que justificam todas.

Sacode este corpo, menino e mete a cara no traba -
 lho, para vences os obstáculos que dificultam e emba -
 raçam a nossa vida.

As bandeiras jamais caíram das mãos dos bandei -

rantes, e todos nós devemos continuar a abrir caminho a nosso modo.

Tão bandeirante foi Fernão Dias, que rasgou florestas, como Santos Dumont que rasgou os ares, como Oswaldo Cruz que dominou a febre amarela ou como Machado de Assis, Euclides da Cunha e Rui Barbosa que dominaram o pensamento e a língua.(sic)

Vamos, menino, o Brasil está à tua espera."

(Cenas Infantis, 4º ano, p. 57-58-59)

Estudando a vida dos heróis nacionais, a criança terá "as mais belas lições de nobreza, de coragem e sacrifício". Podemos perceber que se dá uma ênfase especial aos atos de coragem e sacrifício, desse modo, embora sejam citados "heróis" que atuaram em vários setores da vida nacional, destacando-se aqueles que empreenderam conquistas (os bandeirantes, principalmente), lutaram ou morreram pela pátria.

"MEUS HERÓIS (II)

...Nasceram meus heróis, que são os gigantes de botas ...

Então os gigantes de botas atravessaram o continente com suas bandeiras de assalto..."

(Leitura na Escola Moderna, 4º livro, p. 83-84)

Como uma das características mais louvadas do país é a sua extensão, conseqüentemente, os bandeirantes, responsáveis pela "conquista" do território, ocupam lugar de destaque na história, a despeito do que fizeram com os indígenas, mas, como já tivemos oportunidade de ver, estes últimos não são muito "considerados", daí o seu "massacre" é mostrado como um "mal necessário" à conquista do território. Faz-se a apologia do herói dominador, conquistador.

"ANTÔNIO RAPOSO

Raposo dá a impressão de que tinha asas nos pés. Foi o homem que mais percorreu as terras do Brasil. Primeiro percorreu as terras do sul, destruindo aldeias e aprisionando indígenas, depois internou-se nos sertões de oeste e foi subindo, subindo por desertos desconhecidos que pareciam o fim do mundo. Tribos inteiras atravessaram-lhe a frente para lhe impedir a passagem. Mas ele as combatia e as vencia, e continuava a caminhar ..."

(Leitura na Escola Moderna, 4º livro
p. 85)

Retomando, verificamos que a ideologia geográfica é uma ideologia da positividade: só mostra o lado positivo do país e a ideologia histórica é u-

ma ideologia do domínio: apresenta o Homem como agente da história, mas um determinado tipo de agente - dominador e conquistador.

Existem determinadas pessoas encarregadas da defesa da pátria que são os guerreiros. A figura histórica escolhida para simbolizar essas pessoas foi Caxias que era, ao mesmo tempo, guerreiro e pacificador.

"A FARDA DESABOTOADA

Mário Sette

O Duque de Caxias é o legítimo símbolo do soldado brasileiro. Seu nome era Luís Alves de Lima.

Durante a campanha do Paraguai imortalizou-se. Comandante supremo das forças aliadas, proporcionou-nos as vitórias de Curupaiti, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e, por fim, a tomada de Assunção, capital dos paraguaios. Pode-se dizer que estava ganha a guerra."

(A Moderna Mágica do Saber, 3a. série, p. 31)

Os textos, como vemos, fazem uma condensação de espaços históricos em fatos histórico-militares como sucessão de batalhas.

O exemplo do herói que sacrificou sua vida pela pátria está em Tiradentes:

"A MORTE DE TIRADENTES

Viriato Correa

Foi no dia 21 de abril de 1792 que Tiradentes subiu à força ...

O sacrifício de Tiradentes não se perdeu. Trinta anos depois, a independência que ele sonhou e pela qual morreu foi proclamada no Brasil. E mais tarde proclamou-se a república."

(Português Moderno, 3a. série, p.29-30)

Outro aspecto digno de nota é a valorização da história jurídica do país: assinatura de leis, proclamações (independência, república), etc.

Como os heróis são exemplos que devem ser imitados, todos os brasileiros, sempre que necessário, devem lutar para defender sua pátria e, se preciso for, morrer por ela.

" O PEQUENO TAMBOR

Orlando Moraes

...— De que é feito o valor de uma Pátria, senão do amor dos seus filhos?

— Vamos, coragem, morramos todos em nosso posto !

Somos filhos de uma grande nação; reunamo-nos todos e façamos acesa guerra aos audaciosos invasores!

Essas palavras surtiam efeito, estimulando os sol
dados.

Começa a luta, luta pavorosa, medonha, infernal.

As janelas ficam cheias de soldados que, aos poucos, feridos mortalmente, caem para não mais se levan
tar.

O tenente, ferido traiçoeiramente por uma bala ,
morre como um herói.

O capitão, achando-se quase só, com um punhado
de soldados, encoraja-os, e cheio de patriotismo, com-
bate juntamente com eles.

O tamborzinho, que até então rufava o tambor, no-
tando o oficial nervoso encorajando os soldados, levado
por uma força sobrenatural, deixa o tambor e, apossan
do-se de uma carabina, vai para uma das janelas e co-
meça a combater.

O comandante vendo aquela criança no meio do pe
rigo, ordena-lhe que se retire. O tamborzinho, fitando-
-o disse-lhe, acentuando a voz:

— Capitão, sou descendente dos bandeirantes; em
minhas veias não corre sangue de uma raça pusilânime
e sim de um povo forte. Meu pai e meus irmãos morre
ram no campo de batalha e eu me sinto feliz em morrer
defendendo o meu estremecido Brasil ! ... "

(Cenas Infantis, 4º ano, p. 109-110)

O valor que se dá à pátria é medido pelo "amor de seus filhos" e, para se provar este amor, deve-se lutar ou morrer "como um herói", isto é, motivo de felicidade para as pessoas. Podemos notar que a noção de amor está imbricada com a noção de sacrifício, aqui, em relação à pátria e, como já vimos anteriormente, na família (mãe) e na escola (professor) e como veremos mais adiante relativamente à religião e aos valores morais.

Assim, os textos nos apresentam a História, sem uma visão crítica quanto à maneira como se formou o presente, sem noções de causa e efeito, interpretações e análises. Limita-se à exposição de nomes, fatos, datas, despidos permanentemente de qualquer idéia, compreensão ou sentido, de uma "análise e interpretação do que realmente importa e constitui a verdadeira realidade brasileira: o que foi, o que são a vida e a vivência desse aglomerado de seres humanos vindos originalmente de todos os quadrantes, que se foram através dos tempos e até hoje reunindo neste território que constitui o Brasil de nossos dias; donde, porque, como e em que condições vieram; quais as suas atividades, e como foram superando a Natureza de uma terra bruta e nela se dispersando e instalando; como

trabalham e o que produzem, como se relacionam entre si. Que posições respectivamente ocupam na sociedade, em que classes se dividem, organizam e hierarquizam; como se mantêm, o que consomem, como vivem, habitam e alimentam, que males físicos ou outros, os fazem sofrer, que bens lhes trazem contentamento e felicidade, o que pensam e a que aspiram ou aspiraram ..."⁽²¹⁾

A História é mostrada como uma crônica de grandes homens, guerras e batalhas. Há uma (estranha) concepção de que ela só pode ser explicada em função do grande homem, do herói, não levando em conta que "o próprio grande homem é condicionado historicamente, sua capacidade e suas oportunidades derivam diretamente de sua herança social e de sua posição no conjunto da configuração social. Ele é não tanto o árbitro dos eventos quanto o produto das forças sociais. Não se pode negar que exerça uma função relevante e que, em momentos críticos, lhe compita tomar decisões de longo alcance, porém, mesmo nessas emergências, o grande homem sofre a ação de muitas forças, cuja evolução e funcionamento podem ser estudados."⁽²²⁾

A noção de pátria também nos mostra algumas contradições do discurso ideológico: ora a natureza é pródiga, ora o território é bravio e tem que ser conquistado; o índio, ao mesmo tempo que é in dolente é guerreiro; louva-se a história incruenta do país e cultua-se o herói que luta e morre pela pátria ...

5.4 O Símbolo

Assim como os textos nos dão a imagem do país, através da descrição de sua natureza, do ho mem e da história, destacam também a importância de seus símbolos.

Fato curioso é que, apesar de serem quatro os símbolos da pátria - as Armas da República, o Hino Nacional, a Bandeira e o Selo, os textos privilegiam um deles: a bandeira. Isto talvez possa ser explicado pelo fato de ser ela (a bandeira) o símbolo mais fácil de ser internalizado pelas crianças, pois ela a vê diariamente na escola, à fren te dos edifícios públicos, nas solenidades oficiais, nos desfiles cívicos, nos campos de futebol, enfim, é o símbolo mais visualizado e, por isso, mais gra vável mnemonicamente.

Vejamos, então, como a bandeira é "vista" pe los textos:

"BANDEIRA DO BRASIL

Raul Machado

Bandeira da minha Pátria ! Flâmula sagrada que é um milagre de evocação do Brasil num pedaço de campo verde , manchado de oiro de sol; num retalho de céu azul, manchado a prata de estrelas !

Tenho-te visto, comovido, em todas as tuas atitudes (sic) e significados simbólicos. Tenho-te visto com a festa das tuas cores e o teu tesouro derramado de astros, palpitando em mastros, em galhardetes, em dias de júbilo nacional. Tenho-te visto, distante, no topo dos navios, rumo a terras estranhas, com um anseio de saudade no teu panejamento, aflito, de grande asa cativa. Tenho-te visto pendida, num desalento de luto, pela perda de um filho assinalado do meu Brasil; ou dis-tendida, em mudo abraço de dor materna, sobre o corpo do soldado que tombou ... E tenho-te visto, passando em triunfo, entre o rufar de tambores e o clangor de clarins, como uma vibração colorida e mais alta, da própria alma nacional .

Tenho-te visto assim ... E possuo a certeza de que, nunca haverei de ver-te, e de que ninguém te verá jamais, ultrajada, em mãos inimigas, como um troféu de vitória ...

Porque, ó bandeira amada do meu País ! o últi-

mo dos teus filhos, aquele que ficar, sozinho, no campo de batalha, ou na lama da trincheira, ainda terá a soberba coragem de levar-te, como sacrário de um povo, para o túmulo ou para a glória ..."

(A Mágica do Saber, 4a. série, p.85)

Como podemos verificar, há uma fetichização (no sentido de culto a um objeto material considerado como a encarnação de uma entidade, ou em ligação com ela, objeto este possuidor de virtudes mágicas) da bandeira; ela é, assim, sacralizada e reificada, pois a ela se atribui valor maior que o humano. É a própria personificação do país, suas cores representam a natureza e as riquezas do Brasil, o herói morto em batalha e, como simboliza também proteção, é confundida com a figura da mãe. Está acima do próprio povo e adquire autonomia frente à realidade que a produziu. Jamais haverá derrota, pois é o próprio país e, como já vimos, o país só tem vitórias. Como ela representa o "sagrado" da pátria, em termos religiosos ela dará a "glória" a quem morrer em sua defesa (da pátria).

"Uma bala traiçoeira varou-lhe o peito. Ferido mortalmente, ele envolveu-se no auriverde pendão brasileiro, morrendo, risonho e contente por ter defendido sua ama-

da Pátria."

(Cenas Infantis, 4º ano, p. 110)

O patriotismo é uma qualidade muito valorizaa da pelos textos; assim, os textos sobre a bandeira nos falam das qualidades do bom patriota (aquele que é capaz de qualquer sacrifício pela pátria) e dos deveres que têm em relação à pátria.

"A NOSSA BANDEIRA

Júlia Lopes de Almeida

Verde, da cor dos mares e das florestas que embelezam a nossa terra, desde a serra de Roraima até à barra do Chuí; azul, como o céu infinito em que abre os braços lúcidos o Cruzeiro do Sul; dourada, como o sol que alegra o espaço e fecunda os campos, a nossa bandeira retrata nas suas cores as supremas maravilhas do universo !

Filhos do sul ou filhos do norte, qual de nós não estremecerá de orgulho à sua viva glória? Qual de nós não vibrará de entusiasmo ao senti-la aclamada pelos outros povos? Qual de nós não de comoverá vendo-a desfraldada em país estranho, ou não se sentirá capaz de maiores audácias para a defender de uma afronta e livrá-la de uma derrota?

A nossa bandeira é como um pálio confraternizador

sobre a cabeça de todos os brasileiros. Unamo-nos para honrá-la na sua grandeza e para que ela seja sempre para nós, além de símbolo da Pátria, o símbolo do Bem, da Razão, da Justiça. Só é inatingível o que é forte, o que é puro. São as atitudes de um povo que tornam a sua bandeira respeitada; são os seus trabalhos, os seus empreendimentos, o poder de sua inteligência, a inteireza do seu caráter e a magnanimidade do seu coração que lhe dão prestígio diante de todo o mundo.

Assim, esforcemo-nos para que à sombra de nossa bandeira só nasçam e se desenrolem belas ações. Que ela pacifique gentes inimigas, quer tremule nos mastros sobre as águas inquietas, quer penda nas cidades sobre os telhados abrigadores dos homens; que ela, que tem na cor a sugestão de esperança, sorria ao estranho em doce acolhimento, acenando-nos a todos para um futuro bonançoso e amplo.

Irmãos do Norte! Irmãos do Sul! Amigos! Unamo-nos em torno da nossa bandeira; que os elos que nos ligam não se dessoldem nunca, para que seja grande a sua glória e poderosa a sua força."

(Cenas Infantis, 4º ano, p.91-92-93)

A bandeira é capaz de despertar no povo os mais variados sentimentos: orgulho, entusiasmo, comoção, audácia, coragem, tal o "poder" atribuído a

ela.

O maior "dever" em relação à bandeira e, por extensão, à pátria, é o amor. Devemos amar incondicionalmente a nossa bandeira (pátria) por nos proporcionar uma natureza pródiga, uma história gloriosa e heróis que são exemplos de virtudes. Como deve se manifestar este amor? Através do cumprimento das leis, por meio do trabalho, qualquer que seja ele, pois, de acordo com os textos, todos os trabalhos são igualmente "bons" (visão idealizada do trabalho, pois nessa tentativa de homogeneização, escondem as diferenças sociais, as situações de exploração de determinados trabalhos e os conflitos que geram), e da união de todos (sem explicar a situação concreta de vida dessas pessoas que se quer unidas). Enfim, os "deveres" e as "virtudes" são muitos: amor, trabalho, cumprimento das leis, honradez, união, integridade de caráter. É preciso que honremos a bandeira para que ela não seja só símbolo da pátria, mas também do "Bem", da "Razão" e da "Justiça" (só que não explica o que entendem por "Bem", "Razão" e "Justiça").

A obediência e submissão que começam a ser "cobradas" na família e continuam na escola, certamente não poderiam estar ausentes em relação à pátria.

"O DESFILE

Donatello Grieco

... Um único lema os encabeça: obedecer. Um único ideal anima milhares de peitos erguidos: servir o Brasil."

(Cenas Infantis, 4º livro, p.83)

Mas, obedecer e servir a quem? Aos pais, aos professores, aos patrões, às autoridades e, fundamentalmente àquele que está "àcima" de tudo e de todos: Deus.

É esta a visão do país transmitida pelos textos, uma visão das "grandezas" (e as misérias?) do Brasil: uma natureza rica; uma história coberta de glórias; heróis quase que sobrenaturais (e a pobre criança deve imitá-los !); uma visão idealizada do trabalho (já que afirmam que todos são iguais); obrigações e deveres iguais para todas as pessoas para se chegar à união e tornar a pátria mais poderosa ; mas, na hora de "vencer", cada um deve fazê-lo por si, cada um é responsável pelo seu próprio êxito ou fracasso (na família, na escola, no trabalho). Lá se prega a união, aqui o individualismo.

E é este o país que a criança "conhece" na escola. Será o mesmo no qual ela vive?

6. A RELIGIÃO

"DINHEIRO BEM EMPREGADO

Luís Jardim

... — Pois graças te sejam dadas, meu Deus, que por tão pouco fazes com que muitos sejam felizes! ..."

(O Tira-Teima, 4º livro, p. 20)

"A MORTE DE TIRADENTES

Viriato Correa

Deus sabe premiar as grandes obras. Foi, com certeza, para receber a alma daquele que ia morrer pela nossa liberdade que Deus fez o céu tão bonito aquele dia."

(Português Moderno, 3a. série, p. 29)

"MINHA TERRA

Correa Júnior

... Campos verdes, florestas estupendas,
rios, montanhas, cafezais, fazendas,
e o sorriso de Deus pela amplidão ..."

(Aprender é Festa, 3a. série, p. 45)

O religioso, de alguma forma, se acha presente em todos os textos, ele como que penetra todos os temas. Aparece como algo imprescindível à vida das pessoas.

A religião é mostrada como sendo a crença num ser ou seres sobrenaturais, que implica em

atitudes emocionais em relação a esses seres e maneiras formais de dirigir-se a eles. Ela (a religião) envolve: divindades, representantes das divindades (elementos de ligação entre o divino e o humano), a fé ou crença, rituais (modos formais de comportamento que supõem a crença na operação de agentes ou forças sobrenaturais), atitudes e símbolos. Refere-se, em última instância, a um espírito superior, universal, que tudo penetra: Deus.

Os textos apresentam a imagem de um Deus todo poderoso, dono e senhor de todas as coisas e pessoas porque seu criador. Como foi Ele o criador do mundo e do Homem (criado à sua imagem e semelhança), possui poderes absolutos sobre este mundo e este Homem.

"AS FRUTAS

Humberto de Campos

No quinto dia da criação a Terra estava quase pronta. Havia montanha, água, animais. O sol, as nuvens, as estrelas, os ventos, estavam também prontos. Deus, nesse dia, estava pensando em adornar as árvores com frutos, a fim de que, pela semente, houvesse a continuação na espécie. Era isso, que ele mesmo, entre seus anjos, estava fazendo e ajudado por estes ..."

(Cenas Infantis, 4º livro, p. 11)

(23)

Segundo Althusser , a propósito da "ideologia religiosa cristã", a ideologia religiosa se dirige aos indivíduos para transformá-los em sujeitos, dá a estes uma identidade pessoal, um nome, o seu lugar no mundo, o que deve fazer e a salvação eterna, se observar a lei de Deus. Todo esse procedimento é dominado por um fenômeno estranho : estes sujeitos só existem porque existe um Outro Sujeito Único e Absoluto: Deus.

O fato dos indivíduos serem interpelados em sujeitos, supõe a existência de um Outro Sujeito, único e central, em nome do qual a ideologia religiosa interpela todos os indivíduos em sujeitos.

Deus é o Sujeito e os inúmeros sujeitos do povo de Deus, seus espelhos e reflexos (já que os homens foram criados à imagem e semelhança de Deus).

Assim como os homens precisam de Deus, Deus precisa dos homens, pois a existência de um implica na existência dos outros e vice-versa.

Deus se desdobrou ele mesmo, enviando seu Filho à Terra como simples sujeito, sujeito mas Sujeito, homem mas Deus. Deus necessitou se fazer ele mesmo homem, para mostrar aos sujeitos que, se são sujeitos, submissos ao Sujeito, é, uni-

camente, para entrar, no dia do Julgamento Final, no seio do Senhor, como o Cristo, no próprio Sujeito.

"Quando o menino Jesus nasceu, todo mundo ficou alegre. Crianças, homens e mulheres vinham vê-lo trazendo presentes. Perto do estábulo, onde dormia o Menino Jesus, num berço de palha, havia três árvores..."

(Pingos de Leitura, 3a. série, p.194)

Isto significa que toda ideologia é "centrada," que o Sujeito Absoluto ocupa o lugar único do Centro, em torno do qual estão todos os sujeitos, submetidos a Ele e no qual os sujeitos podem contemplar sua própria imagem. Deus dá a garantia que reconhecerá os seus, aqueles que o tiverem reconhecido e estes serão salvos.

Isto nos mostra uma ambiguidade em relação ao termo sujeito: ao mesmo tempo que ele é uma subjetividade livre, um centro de iniciativa, autor e responsável por seus atos, é também um ser submisso a uma autoridade superior, portanto privado de toda liberdade, salvo a de aceitar livremente a sua submissão: "l'individu est interpellé en sujet (libre) pour qu'il se soumette librement aux ordres du Sujet, donc pour qu'il accepte (librement) son assujettissement, donc pour qu'il "a -

complisse tout seul" les gestes et actes de son assujettissement. Il n'est de sujets que par et pour leur assujettissement. C'est pourquoi ils "marchent
(24)
tout seuls".

A onipotência de Deus é mostrada nos textos, ele tem poderes absolutos e infinitos, ele é dono de tudo e tudo pode:

"O ASTRONAUTA

Odylo Costa, filho

... Pediu - "Meu Senhor,
acabai com a Guerra,
mesmo que eu não possa
voltar para a terra.

Foi Deus e mandou
um anjo levar
o moço , na Páscoa
de volta pro lar.

E exércitos de asas
vieram pelo ar
com palmas e rosas
a Guerra acabar."

(O Tira-Teima, 4º livro, p.22)

Mas Ele é também onipresente, está em todos os lugares "vigiando" os "seus sujeitos" para que eles

cumpram a "sua Lei", assegurando, assim, a submissão destes aqui na terra para que depois possam entrar no "seu Reino".

"SIMPATIA

Afonso Schmidt

Numa tarde longa e mansa
os dois pela estrada vão:
o cão estima a criança
e a criança estima o cão.

Que delicada aliança
dos seres da criação:
uma risonha criança,
um robustíssimo cão.

Deus percebeu a lembrança
e sorriu lá na amplidão:
ele gosta da criança
que trata bem o seu cão.

Por isso, na tarde mansa,
os dois felizes lá vão:
a delicada criança
e o robustíssimo cão."

(Estudo Dirigido de Português, 3a. série,
p.29)

Sendo onipotente, onipresente, é também onis-
ciente, sua sabedoria é ilimitada: criou um "mundo

maravilhoso" onde todas as coisas estão nos seus devidos lugares e nada falta, para que o homem , criado à sua imagem, vivesse servindo a Deus e reconhecendo a sua sapiência.

"A CARNAÚBA

Pe.Dr.Orlando Chaves

Confessemos, mais uma vez, a sapiência e providência do Criador, que a nenhuma de suas criaturas deixa sem meios de subsistência e felicidade! "

(Cenas Infantis, 4º ano, p.142)

Deus é também a personificação da bondade, por isso ele distribui dons para as pessoas, os animais, a Pátria.

"IRMÃOS PASSARINHOS

Luís Jardim

... Não precisam de copos, jarras ou qualquer outra vasilha que se quebra. A água corre clara e fresquinha por este mundão afora. Basta por o biquinho na água, pronto ! É cada gole bom, pegando a sede pela goela.

Sim, vocês também não precisam aprender a fazer berços e camas, pois já sabem fazer ninhos, outro dom que Deus lhes deu ..."

(João de Barro, 3a.série, p.69-70)

§§§ §§§ §§§

Como base dos valores religiosos, encontramos a oposição BEM/MAL, que ordena uma série de outras oposições: - céu/terra

"HISTÓRIA DO BACURAU (1a. parte)

Luís Jardim

... Toda manhã os passarinhos ensaiavam uma cantiga nova, tão bonita que parecia uma música do Céu."

(Português Moderno, 3a. série, p. 59)

"O CORVO E O PAVÃO

...É que compreendeu que ele estava com a razão :
não existe a perfeição aqui na Terra."

(Meu Companheiro, 3a. série, p. 130)

- recompensa/castigo

"O TEMPORAL

...O senhor Alfredo observava a tempestade através da vidraça da sala de sua casa, quando um forte estalido, seguido de ofuscante clarão, fê-lo recuar assustado. Voltando a si notou que um raio caíra justamente sobre a frondosa laranjeira, fendendo-a de alto a baixo e prostando-a com fragor. Com a violência da queda, as laranjas desprenderam-se dos galhos, esparramando-se ao redor da árvore.

Imediatamente o lavrador compreendeu o castigo

que tivera pela sua avareza, ao negar à pobre criança um fruto da árvore que ali estava.

Desde esse dia, jamais negou às crianças que por ali passavam, os frutos de seu pomar e com sa tificação observava-as ao se deliciarem com o presen te."

("Cenas Infantis, 4º ano, p.106)

- alma/corpo

"O PARDALZINHO

Manuel Bandeira

... a alma, essa voou

para o céu dos passarinhos!"

(João de Barro, 4a. série, p.13)

- Deus/demônio

"NOITE DE JUNHO

... Se milagres desejais

Recorrei a Santo Antônio

Vereis fugir o demônio."

(Pingos de Leitura, 3a. série, p.79)

Assim, como não há possibilidade de alcançar a perfeição aqui na terra, devemos ser "bons" para conseguir o céu; aqueles que não o são, recebem o castigo divino. O corpo, considerado parte do

mundo material, é mortal e, por conseguinte, imperfeito, mas existe a alma que, não sendo mortal, poderá penetrar no "Reino do Céu". O demônio representa as forças do MAL, é a antítese de Deus, é a ameaça, o perigo que pode levar os homens a se colocarem contra o BEM (Deus) e, desse modo, não obter a "salvação eterna".

"O mundo e os povos são (desde sempre e para sempre) domínio de Deus, e eventuais "derrotas" (usurpações) são castigadas pela tremenda vitória final do Bem. "Final" que não é sinônimo de "deradeira", irrepetível, porque definitiva. O mundo continuará cenário de uma luta que só terminará quando Deus (portanto, o Deus vitorioso a priori) quiser promover o Advento dos Tempos. Quando, então, sim, reinará a paz. A aceitação por vezes apologética e encomiástica do mundo como "luta contínua" é curiosa porque parece contraditória, na medida em que o mundo "celestial" (no céu ou quando descer à terra) é visto como "paz absoluta". A necessidade de luta imposta por Deus é uma prova que os homens devem superar (vencer) para mostrar seu amor a Ele, sua abnegação, piedade, misericórdia. E é uma forma, também, de Deus, premiar aqueles que são seus campeões, fazendo-o pe

la glória de que é coberto o vitorioso guerreiro .
Não é a guerra em si que é abençoada: a guerra é
um instrumento de salvação da alma e de salvação
do mundo terreno." (25)

As divindades e seus representantes, os rituais, atitudes e símbolos religiosos que aparecem nos textos são característicos da Religião Católica.

Como Deus está colocado muito acima dos homens, ele necessita de intermediários que são os mediadores entre Deus e os homens. O Deus Supremo é considerado afastado demais para um culto direto, e a adoração de agentes espirituais menores que existem simultaneamente com o Deus Supremo, pode ser mais saliente na vida das pessoas do que o culto a Deus. Assim, encontramos os santos, os anjos, a Virgem Maria.

"O PRIMEIRO NATAL

... Quando o anjo acabou de falar, a luz celeste se fez com maior intensidade e uma grande multidão de anjos apareceu, louvando a Deus e cantando:

— Glória a Deus, nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade ..."

(Pingos de Leitura, 3a. série, p.188)

"A BUSCA

Rachel de Queirós

... Prometo a São Jorge, padrinho dele, uma vela de cera do tamanho do menino, se eu encontrar meu filho são e salvo ..."

(João de Barro, 4a. série, p.27)

Os santos são figuras que viveram na terra , mas que, por terem se submetido a Deus, foram "premiados" e, após sua morte, passaram a viver "ao lado" do seu Senhor e, por isso, podem interceder junto a Ele, pelas pessoas que solicitam alguma ajuda. Eles são exemplos que devem ser seguidos.

Mas, além desses, existem outros mediadores, que são os representantes de Deus aqui na terra: padres, bispos, etc, pessoas que escolheram uma vida dedicada exclusivamente ao serviço de Deus.

"OURO PRETO, A CIDADE DE ESTUDANTES E ...

FANTASMAS

Ruth Lucena

... O Sr. Vigário que fora levar a extrema-unção a um fiel agonizante ...

Os mais atemorizados com as histórias ou as pró

prias visões, pediam ao bispo para ter oratórios em ca
sa ..."

(O Mascote, 4º livro, p.127)

A fé ou crença em divindades ou poderes sobrenaturais está correlacionada com cerimônias, ri
tuais e práticas religiosas que, na maioria das ve
zes, se associam a lugares ou edifícios sagrados
(igreja, capela, etc), símbolos (altar, imagens, si
nos, etc) e refletem idéias, atitudes e sentimentos.
Essas cerimônias compreendem: oração, missa, ba
tismo, comunhão, casamento, procissão, etc, e pres
crevem atitudes de temor respeitoso e reverência.

"AMANHECER DE DOMINGO

Longe repica o sino da capela anunciando a segunda
missa ..."

(Pingos de Leitura, 3a. série, p.12)

"CASAMENTO NA PROVÍNCIA

Adolfo Caminha

Foi num sábado, à noite, que se realizou cerimonia-
samente, com toda a pompa de uma festa de provín-
cia, o casamento da Lídia com o guarda-livros, na i-
greja de N.S. do Patrocínio ..."

(O Tira-Teima, 4º livro, p.118)

O ritual reafirma as crenças partilhadas pelas pessoas e congrega os crentes numa comunidade moral, incentivando a conformidade às suas ordens.

Os rituais estão relacionados com a vida do homem, com fenômenos físicos ou atividades econômicas e, às vezes, essas categorias estão superpostas.

"COSTUME TRADICIONAL

... Entre os costumes tradicionais brasileiros encontramos o de realizar procissões para pedir chuva. Isto acontece quando uma estiagem prolongada ameaça as plantações ...

Em certa cidade do Vale do Paraíba, a estiagem já causava apreensão aos lavradores. A preocupação acabou levando-os ao pároco, para pedir-lhe que organizasse a procissão que deveria trazer a imagem de São Roque de sua capela à Matriz ...

Ao anoitecer retornavam, trazendo a imagem do santo milagroso. Nuvens escuras e um vento de chuva anunciavam o temporal próximo. De fato: ao alcançarem a matriz, já se protegiam com seus guarda-chuvas..."

(Cenas Infantis, 4º ano, p.183-184)

Fato curioso e que, à primeira vista, pode pa

recer contraditório, é que, se Deus é tão pródigo e deu aos homens uma natureza maravilhosa (como tivemos oportunidade de ver quando falamos de Pátria), por que deixaria que essa mesma natureza, agora, privasse o homem de seu próprio sustento?

Talvez, se o homem não se sentisse ameaçado de alguma maneira, a religião, a sua relação com o divino, a sua crença num poder superior (Deus) a quem ele recorre para pedir proteção, se torne desnecessária. Por isso, Deus, apesar de sua infinita bondade (ou por isso mesmo) faz com que o homem sofra provações, possivelmente para manter a relação de dependência dos homens em relação a Ele, pois, como já vimos, Deus necessita dos homens, assim como estes necessitam Dele. Se não existirem homens que acreditem Nele, Ele deixa de existir. Além do que, é através do sacrifício que o homem pode alcançar a salvação eterna (afinal, Deus mandou o próprio Filho à terra para dar o exemplo !).

São metas da religião: a salvação, a absolvição dos pecados e a unidade com Deus. Assim, se a salvação eterna for mais importante do que os prazeres mundanos e repousar antes na graça divina do que no poder ou na riqueza, certamente será mais fácil para o pobre tolerar as próprias circunstân-

cias. Ao rico cabe apenas ser "caridoso": sentir piedade dos infelizes e estender a mão a quem precisa (permanecendo todos nos seus devidos lugares), pois a religião encara a ordem hierárquica da sociedade como divinamente ordenada.

"CARIDADE

Fazer o bem por prazer,
 Dos infelizes sentir piedade,
 Saber dar sem receber -
 Isto é que é ter caridade.

É, ao que sente frio, agasalhar.
 É, ao que chora, saber dar ilusão.(sic)
 É, do doente, com amor cuidar,
 É, a quem precisa, estender a mão."

(Venha Conosco, 4º livro, p.49)

Para se conseguir a salvação, é preciso amar a Deus e, por extensão, à Pátria, aos pais, aos professores e ao próximo, de modo geral (pois se Deus criou os homens à sua imagem e semelhança, amando ao próximo, amamos a Ele); ter fé sem "medir sacrifícios" ou "procurar explicações", em Deus e em seus mediadores; ter humildade, pois somos criaturas insignificantes perto do Criador; obedecer, sempre, a Deus, às autoridades, aos

fessores, aos pais; a submissão à autoridade superior é condição sine qua non para chegar até Deus.

"Ele é o Filho de Deus;

Sua mensagem de amor exige de nós a Fé;

Fé que não mede sacrifícios, que não

procura explicações."

(Pingos de Leitura, 4º ano, p. 113)

As noções de amor, obediência e sacrifício, são como que um pano de fundo em todos os textos. Amor dos pais pelos filhos, do professor pelos alunos, da Pátria pelos cidadãos e de Deus pelos homens e vice-versa. Obediência que os filhos devem aos pais, os alunos aos professores, os cidadãos às autoridades e às leis e todos os homens a Deus. Sacrifício que os pais, os professores e os heróis fazem respectivamente pelos filhos, alunos e pela Pátria e, finalmente, o sacrifício maior feito por Cristo (que morreu na cruz) pelos homens.

Por tudo isto, a atitude dos homens em relação a Deus deve ser também de perene agradecimento.

"A MONTANHA

Roberto Carlos e Erasmo Carlos

Eu vou seguir uma luz lá no alto

Eu vou ouvir uma voz que me chama,
E vou subir a montanha e ficar
Bem mais perto de Deus e rezar.
Eu vou gritar para o mundo me ouvir
E acompanhar toda a minha escalada
E ajudar a mostrar como é
O meu grito de amor e de fé.
Eu vou pedir que as estrelas não parem de brilhar
E as crianças não deixem de sorrir e que os homens
Jamais se esqueçam de agradecer (por isso eu digo):
Obrigado, Senhor, por mais um dia,
Obrigado, Senhor, que eu posso ver.
Que seria de mim sem a fé que eu tenho em Você?
Por mais que eu sofra, obrigado, Senhor,
Mesmo que eu chore, obrigado, Senhor, por eu saber
Que tudo isso me mostra o caminho que leva a Você.
Mais uma vez, obrigado, Senhor, por outro dia,
Obrigado, Senhor, que o sol nasceu.
Obrigado, Senhor, agradeço, obrigado, Senhor.
Por isso eu digo, obrigado, Senhor, pelas estrelas
Obrigado, Senhor, pelo sorriso, obrigado, Senhor,
Agradeço, obrigado, Senhor, mais uma vez,
Obrigado, Senhor, por um novo dia, obrigado, Senhor,
Pela esperança, obrigado, Senhor,
Agradeço, obrigado, Senhor, por isso eu digo,

Obrigado, Senhor, pelo sorriso, obrigado, Senhor,
Pelo perdão, obrigado, Senhor, agradeço,
Obrigado, Senhor, mais uma vez, obrigado, Senhor
Pela natureza, obrigado, Senhor, por tudo isso,
Obrigado, Senhor, agradeço, obrigado, Senhor."

(O Tira-Teima, 4º livro, p.102)

Finalmente, o que faltava dizer é que a noção de religião que os textos apresentam só mostra o aspecto socializante, de transmissão de normas, o que a religião determina que as pessoas devem ser e fazer; o outro lado, o modo como as pessoas vêm em a religião, não é mostrado.

7. OS VALORES MORAIS

Os valores morais (conjunto de regras de conduta consideradas como válidas para grupos ou pessoas) são muito frequentes nos textos de leitura analisados; apresentam-se de forma bastante difusa e, por isso mesmo, já estivemos tratando deles em todo o trabalho, mas a importância dada a eles justifica um comentário em separado.

Os valores aparecem nos textos sob a forma de normas, princípios ou padrões sociais aceitos e mantidos pelos indivíduos ou pelos grupos. Eles como que regulam, juntamente com as leis, tradições e padrões religiosos, as relações entre os indivíduos.

Têm como base as noções de bem e de mal e são essas duas noções que vão determinar se os valores são positivos ou negativos. Os valores mais difundidos pelos textos são: o amor, a obediência e o respeito. Mas, nos parece que é o amor que determina, em última instância, os outros valores (ele seria a fonte de onde se irradiariam todos os outros valores considerados "bons", positivos); assim, se amar os pais, os professores, a Pátria (seus símbolos e autoridades) e a Deus (seus mediadores e representantes), conseqüentemente se dedicará a todos eles obediência e respeito.

Pelo que podemos perceber, o amor, segundo os textos, é um sentimento difuso, que percorre o individual e o social e parece ter um sentido mais geral de solidariedade humana.

Ao lado desses mais citados, aparece uma série de outros valores (positivos e negativos), mencionados explicitamente ou colocados implicitamente. Como a relação é muito grande, faremos apenas a listagem desses valores, exemplificando com alguns textos.

Entre os valores positivos, encontramos: espírito de sacrifício, dedicação, cumprimento do dever, abnegação, bom comportamento, união, força de vontade, estudo, delicadeza, ordem, habilidade, lealdade, afabilidade, hospitalidade, dignidade, humildade, nobreza, coragem, audácia, patriotismo (este, bastante reforçado), entusiasmo, honra, pureza, caráter, amizade, honestidade, cortesia, esportividade, modéstia, solidariedade, cooperação, disciplina, esperança, perseverança, caridade.

"CORAGEM

Qualidade dos que lutam,

Dos que vencem sobre o mal,

Dos que, na terra labutam

Guiados por um ideal.

Vemos então que a coragem

Não quer dizer valentia,

Mas é força dos que agem

Dentro da sabedoria."

(Venha Conosco, 4º livro, p.16)

"O LEÃO E O CAMUNDONGO

Olavo Bilac

Vede bem: um favor, feito aos que estão sofrendo,

pode sempre trazer em paga outro favor.

E o mais forte de nós, do orgulho se esquecendo,

deve aos fracos tratar com caridade e amor."

(Meu Companheiro, 3a.série, p.142)

Os valores negativos são: desobediência, orgulho, deslealdade, rebeldia, roubo, indolência, covardia, egoísmo, vaidade, avareza, perversidade, mentira, indisciplina, raiva.

"A LENDA DA PÉROLA

adaptação

Numa cidade, morava um toneleiro mau e egoísta. Enquanto ele construía um tonel, apareceu uma velhinha, pedindo esmola e pousada. Zangado, o homem empurrou a pobre velha ... "

(Aprender é Festa, 3a.série, p.21)

"OS VASOS PRECIOSOS

Malba Tahan

Um príncipe poderoso possuía vinte vasos de porcelana, belíssimos, que eram seu orgulho. Guardava-os numa sala especial, onde ficava muitas horas a admirá-los.

Um dia, sem querer, um criado quebrou um dos vasos.

O príncipe enfurecido e inconsolável com a perda do precioso objeto, condenou à morte o desastrado..."

(A Magia do Saber, 4a. série, p.79)

Estas atitudes valorativas implicam na certa habitual de que certas formas de conduta são "acertadas", "boas" e "justas" e outras não. Os personagens dos textos que adotam condutas "acertadas", são considerados "bons" e, por isso, recompensados. Ao contrário, aqueles que se conduzem de acordo com valores ditos negativos, são "maus" e, conseqüentemente, castigados.

Estes juízos de valor dão uma vigorosa motivação a certos tipos de conduta. O conceito de patriotismo, por exemplo, que leva muitos brasileiros a desejarem lutar e morrer pela Pátria.

"A FRONTEIRA

Coelho Neto

... — Eles aí vêm: não há tempo a perder! Se mor_urmos, todos os nossos corpos ficarão marcando a fron_{te}teira da Pátria e os que vierem mais tarde conhecerão o limite do Brasil. Vamos ! Falta-nos uma bandeira: temos, porém, o céu, o grande céu. Vamos ..."

(Pingos de Leitura, 4a. série, p. 116)

Os textos impõem determinadas formas de con_{du}duta e esta imposição é feita, geralmente, através da prescrição de valores morais.

"CARIDADE

Fazer o bem por prazer,
Dos infelizes sentir piedade,
Saber dar sem receber -
Isto é que é ter caridade.

É, ao que sente frio, agasalhar.
É, ao que chora, saber dar ilusão.
É, do doente, com amor cuidar.
É, a quem precisa, estender a mão."

(Venha Conosco, 4º livro, p. 49)

Por vezes, uma determinada situação pode exigir diferentes espécies de conduta para cumprir

valores que por hora se tornam incoerentes ou contraditórios. Estas situações impõem, não raro, escolhas difíceis. Quando esses valores são ampla - mente aceitos como válidos, torna-se difícil acei - tar um e rejeitar outro; ao invés disso, sem rejei - tar abertamente nenhum deles, o indivíduo apresen - ta, com frequência, uma razão socialmente aceitá - vel para ignorar aparentemente um deles. Na maio - ria das vezes estes valores concorrentes são deri - vados de papéis incompatíveis que o indivíduo pode desempenhar simultaneamente, como o caso de um funcionário que, sendo também pai, tem de optar entre os sentimentos de pai e as responsabilidades funcionais.

"O DEVER ACIMA DO AMOR

Frei Ildefonso

... É o guarda-trilhos da estrada de ferro. Quan - do um trem se aproxima e, do lado oposto, vem chegan - do um outro, pelos mesmos trilhos, seu dever consis - te em desviar um deles para uma outra linha, erguendo uma espécie de alavanca de ferro. Se os dois trens con - tinuassem correndo pelos mesmos trilhos, um precipi - tar-se-ia sobre o outro. No caso presente, vinha vindo, aceleradamente, o "expresso", ao mesmo tempo em que, pelo lado oposto, chegava o rápido com grande veloci -

de. Os dois trens vinham correndo pela linha principal; era preciso, portanto, sem perda de um segundo, encaminhar o "rápido" para outros trilhos. Ao segurar a alavanca, a fim de executar a manobra, o pobre guarda-trilhos viu, no leito da estrada, sua filhinha única, de quatro anos de idade, brincando despreocupada, sobre a linha por onde ele ia fazer passar o "rápido", naquele momento. Aterrorizado, não sabia que fazer. Suspendendo a alavanca, o trem iria, infalivelmente, esmagar-lhe a filhinha; não a suspendendo, os dois trens se encontrariam e só Deus sabe quantas pessoas morreriam nesse desastre ! Nesta situação trágica, e em face do terrível dilema, cuja consequência seria - sacrificar a filhinha, ou vitimar centenas de pessoas - toma de súbito uma resolução heróica e, no auge do desespero, faz troar nos ares, aos altos gritos, o nome da menina e, ato contínuo, suspende a alavanca e encaminha o trem, pelos trilhos, onde ela brincava ... Tendo ouvido o grito do pai e avisado o trem já pertinho de si, a menina deu um pulo para o lado e ia correr ... mas teve a passagem impedida pelo outro trem que chegava. Vendo-se ameaçada por dois perigos, teve a feliz lembrança de deitar-se, imediatamente, na entrevia dos dois trens e ali ficou muito quieta, sem se mexer, até que eles passassem.

Nesta posição ela foi encontrada pelo pai que, er -

guendo-a nos braços e verificando que não apresentava o menor ferimento, exclamou, comovido: "Louvado seja Deus !" e, chorando, começou a acariciar amorosamente a filhinha. Ciente desta ocorrência, a diretoria da estrada de ferro promoveu de posto o guarda-trilhos, por ter sabido colocar "o dever acima do amor!"(sic)

(Cenas Infantis, 4º ano, p. 51.52, 53)

Como podemos ver, os textos estabelecem uma hierarquia (que tem muito a ver com o sistema de poder) entre os valores (e entre os temas estudados, como veremos mais à frente); assim, como desde criança se deve obedecer, respeitar, cumprir ordens, a noção de cumprimento do dever, consequentemente, é mais valorada que o amor paterno, mas se nos detivermos um pouco mais no problema, verificaremos que o cumprimento do dever é também uma forma de manifestação de amor a instâncias mais altas como a Pátria e a autoridade.

Os textos, como vimos, prescrevem uma série de valores morais positivos, que a criança deve internalizar e, se atentarmos bem para eles, a grande maioria implica em comportamentos de submissão, subserviência e dependência, bem apropriados à manutenção do status quo.

8. CONCLUSÃO

"une idéologie existe toujours
dans un appareil, et sa pratique,
ou ses pratiques. Cette
existence est matérielle."

Luis Althusser

Os textos analisados nos mostram, apesar de discorrerem sobre vários temas, um fundo comum, que permite identificar a maneira como eles percebem a realidade. E esses temas mostram diferentes aspectos de uma mesma realidade de modo predominantemente ideológico e sua unidade é garantida na medida em que a ideologia na qual eles se fundamentam está unificada, apesar de sua diversidade e de suas contradições, sob a ideologia dominante.

Os temas, então, se interpenetram e se remetem uns aos outros. Senão, vejamos: a família é a primeira escola, os pais são os primeiros professores, a mãe é um anjo e é santa; a escola é a continuação do lar, os professores são os segundos pais e são missionários; a professora, como a mãe, é mediadora entre o lar e o mundo; a pátria é mãe, a natureza é dom de Deus, a bandeira é o símbolo sagrado da pátria, o sacrário de um povo; Deus é pai e mestre supremo, a igreja, como o lar e a escola, é refúgio; os santos (como os heróis, professores e pais) são modelos que devem ser seguidos; e, perpassando todos esses temas, encontramos os valores morais: a bondade e a maldade, o amor, a obediência, o respeito dos filhos em relação aos

pais, dos alunos em relação aos professores, dos cidadãos em relação à pátria e de todos os homens em relação a Deus.

A par dessa interpenetração, existe uma hierarquia entre esses temas, percebida pela valorização dada a eles pelos textos. Assim, no mais alto degrau de hierarquia está a religião (Deus), dominando todas as pessoas e todas as coisas; logo abaixo, mas muito próximos àquela, estão os valores morais estabelecendo as oposições básicas que determinam as relações entre as pessoas; a pátria, congregando todos os cidadãos; a família, unidade básica da sociedade e, finalmente, a escola, que ajuda a família a "preparar" o indivíduo para viver em sociedade.

Através desses textos, são transmitidos aos alunos regras de moral, de consciência cívica e profissional, valores e estilos de vida, característicos de uma determinada ideologia.

Esta ideologia que mostra a realidade por dicotomias, prega a subordinação, a obediência e a dependência. Mostra a criança atada ao mundo do adulto e a seus valores. São crianças que têm que pensar e atuar como os adultos desejam que elas pensem e atuem. Os adultos, na versão dos livros estudados, não levam em conta que a infância tem

suas necessidades particulares e que sua evolução sem distorções só pode ser forjada numa sociedade menos autoritária e mais participante.

É uma ideologia que aceita hierarquias humanas (talvez porque sejam elas que mantenham o mecanismo do poder), verdades como superioridade racial, debilidade da mulher, bondade e maldade. E esses conceitos são transmitidos ao homem desde a infância através do processo de socialização e da escola.

Assim, na família, o homem exerce o poder, manda e domina por ser amo e chefe. Ali se realiza como homem, oprimindo sua mulher e seus filhos, impedindo-os de dar curso à sua livre expressão pessoal.

Esta opressão, a nível familiar, se reproduz na escola e na sociedade. Esta sociedade coloca em primeiro plano o homem, em segundo lugar, a mulher e, em último, a criança. É como se toda a população fosse adulta e unilateralmente masculina.

A escola (dos textos) cultua o saber e a autoridade do professor, é um centro de exigências calculadas para crianças acomodadas, educadas fundamentalmente para obedecer.

Os textos informam sobre um país rico, formoso e justo, cuja população se divide em homens bons e maus, em brancos, negros e índios, e cuja história é coberta de glórias e povoada de heróis.

A religião é vista como impositora de normas, regras e atitudes, que devem ser cumpridas para se obter a salvação eterna e chegar mais próximo de Deus.

Os valores morais aparecem divididos em positivos e negativos (conforme sejam considerados bons ou maus) e determinam as atitudes "corretas" ou "erradas" das pessoas, e, os mais difundidos são justamente aqueles que incentivam condutas de submissão, obediência e dependência.

Como podemos comprovar pela análise dos textos, eles nada incentivam (pelo contrário) o respeito à individualidade e à liberdade da criança, tão propalado nos currículos e programas escolares. Não podemos esperar de uma escola que utiliza estes textos que forme uma criança capaz de decidir sobre o seu destino ou de transformar a sua sociedade.

Isto se torna mais grave se atentarmos para o fato de que a escola é, hoje, o mais importante dos aparelhos ideológicos. E, como a ideologia

não se reduz a idéias, ela tem uma existência material, a escola inculca a ideologia dominante pela submissão a um conjunto de práticas que constituem o "ritual material" dessa ideologia. As práticas escolares e seu ritual são, pois, um processo essencial de inculcação ideológica: deveres, disciplina, punições, recompensas, por trás de sua aparente função educativa e técnica, asseguram a função essencial de realizar na escola a transmissão de uma determinada ideologia.

Muitos estudos têm sido feitos sobre condições sócio-econômicas, nível intelectual, subnutrição do escolar, apontados como causas da evasão e da repetência na nossa escola, mas poucos têm sido os estudos que se preocupam com o tipo de educação que a escola fornece e os conteúdos utilizados por ela para transmitir conhecimentos e normas. E a análise dos textos nos mostrou (pelo menos no que diz respeito aos livros de "Comunicação e Expressão") que esses conteúdos são alienantes, arcaicos e desligados da realidade.

9. APÊNDICE

Queremos acusar aqui a existência de dois trabalhos (que tivemos conhecimento) sobre o assunto do qual tratamos - análise de textos de leitura de primário.

Um deles, realizado em Lima (Peru) por um grupo do Centro de Estudios y Promoción del Desarrollo, constou da análise de dez livros de leitura de primeiro, segundo e terceiro anos do curso primário, mais difundidos entre os escolares da Lima Metropolitana (tomados de uma pequena amostra de escolas e de entrevistas com editores de vendas). Este trabalho, cuja metodologia utilizamos parcialmente em nossa análise, foi publicado em 1973, com o título: "¿Cuesta Arriba o Cuesta Abajo? (un Análisis Crítico de los Textos de Lectura de Primaria)" e consta de nossa bibliografia. Trata-se de uma análise da ideologia dos textos de leitura e muitos dos resultados da análise daqueles livros nós também encontramos em relação aos nos sos; como seria impossível transcrevê-los todos, aconselhamos os interessados a consultarem a obra.

O outro trabalho, realizado em 1956, por iniciativa do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, esteve a cargo do Professor W. Bazzanella e constou de uma pesquisa sobre "Valores e Estereótipos em Livros de Leitura" ⁽²⁶⁾. Foram compulsa

dos dez livros apanhados ao acaso, dentre os destinados a alunos da 4a. série primária. Esta pesquisa não tratou da análise de conteúdo, seu objetivo era verificar a ocorrência estatística de estereótipos e valores explícitos, mas, embora o objetivo não seja o mesmo, algumas constatações coincidem com as nossas, as quais passamos a transcrever:

"Nas lições que descrevem regiões, o tom dominante é sempre lírico, geralmente incapaz de dar, de fato, a idéia exata do ambiente real que se pretendeu descrever. As paisagens são descritas em tom grandiloquente, acentuando-se somente a exuberância da vegetação, a prodigalidade do solo, a grandiosidade das belezas naturais.

Os fatos históricos, quase sempre, reproduzem episódios heróicos; são praticamente inexistentes as descrições do ambiente social do passado.

Uma linha constante observada nos livros é que se procura sistematicamente ocultar as dificuldades, deficiências e problemas com que se defronta o Brasil. Essa ênfase nos aspectos positivos vai mesmo à deturpação, pelo exagero.

BRASIL - Quando nos referimos ao "patriotismo" já dissemos que o Brasil é apresentado in

variavelmente de forma lisongeira. São cuidadosamente evitadas quaisquer referências aos problemas e dificuldades com que nos defrontamos. A - chamo-nos, assim, em face de um Brasil "idealizado".

NEGRO - Com exceção de uma lição, em que se dão traços biográficos de Machado de Assis, Luiz Gama e José do Patrocínio, ressaltando seu valor pessoal, por terem vencido na vida, apesar da origem humilde, todas as outras lições colocam o negro em posição subalterna.

Em quatro lições, a figura central é o "preto velho", bom, humilde, contador de histórias.

Como se vê, além de figurar geralmente em posições subalternas, o preto não aparece, quase, em circunstâncias normais da vida cotidiana, participando em pé de igualdade com o branco nas relações sociais.

ÍNDIO - As referências favoráveis, excetuada das duas em que são qualificados de "sagazes", louvam sua coragem, abnegação, bravura e lealdade, pondo em evidência suas qualidades guerreiras. As dez referências desfavoráveis apontam os índios como ferozes, antropófagos, bárbaros, etc... Um trecho pode dar a impressão de que os índios são

pouco inteligentes, quando diz que os missionários tinham muito trabalho porque "os selvagens, a custo, aprendiam as lições". Noutro trecho, em que se acusam os brancos de pretender impor abruptamente novos métodos de vida aos índios, diz-se que o resultado dessa política foi "indolência, vida desregrada e propensão (sic) à embriaguez".

Os adultos invariavelmente são bons, carinhosos, compreensivos. Especialmente os professores, sem exceção, são apontados (34 trechos) como dedicados, pacientes, afetuosos, ternos, carinhosos, etc.

Apenas num trecho uma professora, de maneira "firme mas serena", foi obrigada a repreender um aluno. Em outras situações, preferem elas, sempre, corrigir os alunos por meio de conselhos ou atitudes que patenteiam sua tristeza e desgosto ante alguma falta !

Em síntese, os adultos e crianças são apresentados de modo completamente idealizado."

Outro trabalho, também sobre análise de livro didático, que desejamos registrar, é o da professora Jacy Camarão de Figueiredo. Este estudo teve como objeto a estruturação do programa e do conteúdo programático do ensino de "História do

Brasil", na escola secundária brasileira. Foi tomado como material de análise três livros de "História do Brasil": os dois mais adotados na escola secundária brasileira e o manual indicado aos alunos do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais no ano de 1970.

Como este trabalho foge aos nossos propósitos, não entraremos em maiores detalhes. A obra encontra-se referida em nossa bibliografia.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS. Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério. Bases para a Reformulação de Currículos e Programas para o Ensino Fundamental. Rio de Janeiro, MEC / / INEP/CBPE, s.d. 31p. (Série VIII-Pesquisas e Monografias-vol.10) p.13.
- (2) MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. Rio de Janeiro, Zahar, 1965. p. 21.
- (3) HARNECKER, Marta. Los Conceptos Elementales del Materialismo Histórico. Buenos Aires, Siglo XXI, 1975. p. 92-93.
- (4) VERÓN, Eliseo. Ideologia y Comunicación de Masas: La Semantización de la Violencia Política. In: Language y Comunicación Social. Buenos Aires, Nueva Visión, 1976. p. 135.
- (5) HARNECKER, Marta, op. cit., p. 97-98.
- (6) SCHAFF, Adam et alii. Sociedade Tecnoocrata: Ideologia e Classes Sociais. São Paulo, Documentos, 1968. p.18.
- (7) VERÓN, Eliseo, op.cit., p.142.

- (8) KLINEBERG, Otto. Psicologia Social. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1975, v.2.p.518.
- (9) GREIMAS, A. J. Sémantique Structurale. Paris, Larousse, 1966. p.137.
- (10) MANNHEIM, K. Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro, Zahar, 1970. p.82.
- (11) VERÓN, Eliseo, op.cit. p.133-191.
- (12) BOGGIO, A. et alii. Cuesta Arriba o Cuesta Abajo? (Un Análisis Crítico de los Textos de Lectura de Primária). Lima, Campodonico Ediciones S.A. , 1973. p.159.
- (13) BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 1974.p.292.
- (14) HARNECKER, Marta, op.cit. p.103.
- (15) CASTILLO RIOS, Carlos. Los Niños del Peru: classes sociales, ideologia y política. Lima, Ediciones Realidad Nacional, 1974.p.77.
- (16) BERNSTEIN, B. Langage et Classes Sociales. Codes socio-linguistiques et controle social. Paris, Minuit, 1975. p.43.
- (17) BOURDIEU, P. & PASSERON, J. C. A Reprodução. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975. p.218.

- (18) LEEDS, A. Fatores Culturais em Educação: Bra
sil, Índia, Estados Unidos e União Soviética. Educação e Ciências Sociais. Rio de Ja
neiro, INEP/CBPE, 10(2), mai/ago., 1962,
p.13-14.
- (19) FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de
Janeiro, Paz e Terra, 1974, p.65.
- (20) MEDEIROS, B. & MAURÍCIO, D. A Guerra da In
dependência. Revisão de Alguns Mitos Con
sagrados segundo um Historiador Indepen
dente. VEJA. São Paulo, Abril Cultural. 26
maio, 1976. Entrevista com José Honório Ro
drigues. p.4.
- (21) PRADO Jr., Caio. História do Brasil. Entre a Ci
ência e o Samba do Crioulo Doido. MOVIMEN-
TO. São Paulo, 29 dez, 1975. n.26, p.16.
- (22) RUMNEY, J & MAIER, J. Manual de Sociologia .
Rio de Janeiro, Zahar, 1961. p.56.
- (23) ALTHUSSER, L. Idéologie et Appareils Idéologi
ques d'Etat. La Pensée. Revue du Rationa
lisme Moderne. Paris, Éditions Sociales, n.
151, 1968. p.36.
- (24) ALTHUSSER, L. op.cit., p.36.

- (25) FLORES, L. F. Baeta Neves. O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios. Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ, 1974. c.mim. p.17-18.
- (26) BAZZANELLA, W. Valores e Estereótipos em Livros de Leitura. Educação e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, INEP/CBPE, 2 (4), mar.1957. p.121-133.

R É S U M É

On essaye dans ce travail procéder a une analyse de l'idéologie de textes. L'objet de l'étude ce sont les contenus des textes de livres de "Communication et Expression" des 3ème et 4ème séries de l'Enseignement de 1er. Grade, que sont adoptés dans les écoles officielles dans les municipalités de Bom Jardim, Cantagalo e Cordeiro, à l'État de Rio de Janeiro.

On considère l'idéologie comme un système de représentations du monde et du rôle de l'homme y dedans, et le langage comme un instrument important de ce système de représentations. L'analyse est faite en appréciant les cinq thèmes principales que sont abordés par les textes: la Famille, l'École, la Patrie, la Religion et les Valeurs Moraux . On défine la forme comme ils sont entendus dans les textes; on décrit pour chaque thème: la façon comme ils sont présentés par les textes, les valeurs et les attributs conferés à chacun d'eux, les éléments mentionnés et les membres ou acteurs. L'analyse démontre que les textes transmettent des règles de moral, de conscience civique et professionnelle, de valeurs et style de vie mais, comme on peut conclure, leurs contenus sont aliénants, archaïques et déliés de la réalité.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, J. Educação, Sociedade e Desenvolvimento.
Rio de Janeiro, MEC/INEP/CBPE, 1968. 237 p.
- Fatores Sociais Atuantes no Currículo da
Escola Secundária Brasileira. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro,
MEC/INEP/CBPE, 44 (99) 53-71, jul/set, 1965.
- ALTHUSSER, L. Idéologie et Appareils Idéologiques
d'État. La Pensée. Revue du Rationalisme
Moderne. Paris, Éditions Sociales, n. 151. 1968.
38p.
- BAZZANELLA, W. Valores e Estereótipos em Li-
vros de Leitura. Educação e Ciências Sociais.
Rio de Janeiro, INEP/CBPE, 2 (4) : 121-133,
março 1957.
- BERNSTEIN, B. Langage et Classes Sociales. Codes
socio-linguistiques et controle social. Paris,
Minuit, 1975. 347p.
- BOGGIO, A. et alii. ¿Cuesta Arriba o Cuesta Abajo?
Un Análisis Crítico de los Textos de Lectura
de Primária. Lima, Campodonico Ediciones S.
A., 1973. 159p.
- BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Simbólicas.
São Paulo, Perspectiva, 1974. 362 p.

- BOURDIEU, P. & PASSERON, J. C. A Reprodução.
Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975. 238 p.
- BRUNER, J. S. Uma Nova Teoria da Aprendizagem.
Petrópolis, Vozes, 1966. 192 p.
- CASTILLO RIOS, C. Los Niños del Peru: classes sociais, ideologia y política. Lima, Ediciones Realidad Nacional, 1974. 188 p.
- CASTRO, C. M. Desenvolvimento Econômico, Educação e Educabilidade. Rio de Janeiro, UEG, 1972.
82 p.
- CHINOY, E. Sociedade: Uma Introdução à Sociologia.
São Paulo, Cultrix, 1969. 734 p.
- COMISSÃO REAL DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA GRÃ-BRETANHA E DA IRLANDA. Guia Prático de Antropologia. São Paulo, Cultrix, 1971. 431 p.
- CUNHA, L. A. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975. 294 p.
- ECHEVARRIA, J. M. Funções da Educação no Desenvolvimento. In: Desenvolvimento, Trabalho e Educação. Rio de Janeiro, Zahar, 1974. p.17-29.
- FERNANDES, F. Educação e Sociedade no Brasil.
São Paulo, Dominus, 1966. 614 p.

- FIGUEIREDO, J. C. Contribuição ao Estudo da Cultura Escolar. Belo Horizonte, Faculdade de Educação, U.F.M.G., 1973. c.mim. 157 p.
- FLORES, L. F. B. N. O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios. Rio de Janeiro. Museu Nacional, UFRJ, 1974. c.mim. 115 p.
- FREIRE, P. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971. 150p.
- Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974. 218 p.
- FURTER, P. Educação Permanente e Desenvolvimento Cultural. Petrópolis, Vozes, 1975. 221 p.
- GRAMSCI, A. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. 244 p.
- GRUBER, F. Antropologia e Educação. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1963. 107 p.
- HARNECKER, M. Los Conceptos Elementales del Materialismo Histórico. Buenos Aires, Siglo XXI, 1975. 341 p.
- HOLLANDA, G. A Pesquisa de Estereótipos e Valores nos Compêndios de História Destinados ao Curso Secundário Brasileiro. Educação e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, INEP/CBPE, 2 (4):77-119, mar. 1957.

- KONSTANTINOV, F. et alii. Sociologia e Ideologia. Lisboa, Presença, 1970. 141 p.
- LEEDS, A. Fatores Culturais em Educação: Brasil, Índia, Estados Unidos e União Soviética. Educação e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, INEP/CBPE, 10 (2):9-62, maio/ago, 1962.
- LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970. 439 p.
- LOPES, J.R.B. Estrutura Social e Educação no Brasil. In: Educação e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, INEP/CBPE, 4 (10):53-77, abr. 1959.
- MANNHEIM, K. Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro, Zahar, 1970. 330 p.
- MARX, K. & ENGELS, F. A Ideologia Alemã. Rio de Janeiro, Zahar, 1965. 142 p.
- MATTA, Roberto da. Ensaio de Antropologia Estrutural. Petrópolis, Vozes, 1973. 174 p.
- MATTA, Roberto da et alii. Arte e Linguagem. Petrópolis, Vozes, 1973. 142 p.
- NICHOLSON, C.K. Antropologia y Educacion. Buenos Aires, Paidós, 1969. 138 p.
- PASTORE, J. Teorias do Desenvolvimento Econômico que Enfatizam o Desenvolvimento da Criança. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, (117):10-23, jan/mar., 1970.

- PENNA, A.G. Comunicação e Linguagem. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1970. 166p.
- PEREIRA, L. Rendimento e Deficiências do Ensino Primário Brasileiro. In: Estudos sobre o Brasil Contemporâneo. São Paulo, Pioneira, 1971. p. 78-104.
- PEREIRA, L. & FORACCHI, M.M. Educação e Sociedade. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1966. 449 p.
- PINTO, L.A.C. Sociologia e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963. 314p.
- POPOVIC, A.M. Atitudes e Cognição no Marginalizado Cultural. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, (126):244-254, abr/jun, 1972.
- RUMNEY, J. & MAIER, J. Manual de Sociologia. Rio de Janeiro, Zahar, 1961. 192 p.
- SCHAFF, A. et alii. Sociedade Tecnocrata: Ideologia e Classes Sociais. São Paulo, Documentos, 1968. 108 p.
- VERÓN, E. Ideologia y Comunicación de Masas: La Semantización de la Violencia Política. In: Lenguage y Comunicación Social. Buenos Aires, Nueva Visión, 1976. p. 133-191.
- _____ Ideologia, Estrutura e Comunicação. São Paulo, Cultrix, 1970. 234 p.

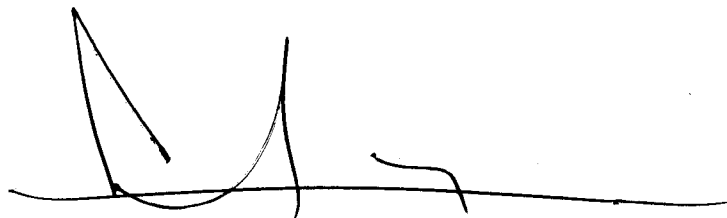
Nome dos componen-
tes da banca examina
dora

Tese apresentada aos Srs.

Antônio Carlos de Almeida
Luiz Felipe de Azevedo
Cirio Navarro Rivas

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 11 / 7 / 77



Coordenador Geral de Ensino



Coordenador Geral de Pesquisa